

# Stadium



Éis uma imagem, bela e movimentada, do encontro das Salésias entre o Belenenses e o F. C. do Porto! Três figuras destacadas interveem na jogada: Borrigano, o guardaredes em boa «forma», que executa a defesa, cobrindo a bola com o corpo, como mandam os canones; Andrade, atrevido e ousado, não renunciando à luta senão no último instante; e Guilhar, atento e observador. Tudo neste lance é perfeito e prodigioso de harmonia!

N.º 209

4 DE DEZEMBRO DE 1946

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

# Reviverá a luta NORTE-SUL

## no fogo do SPORTING e no sistema do PORTO?

**Tudo a postos. A grande surpresa do Estoril deve ser o prelúdio de outras surpresas!**

Crónica de TAVARES DA SILVA



QUEM havia de dizer? Já na segunda jornada—ainda não se sabe—reava, por assim dizer, o Campeonato Nacional—começam a surgir as surpresas, e é nelas que reside todo o encanto das competições. Toda a comida precisa de sal e pimenta.

A bola atrai a paixão de milhares de adeptos espalhados pelo país—precisamente por essa circunstância. Aquilo que julgamos que vai suceder—não acontece. E dá-se o imprevisto, a nota de alegria para uns e de tristeza para outros.

Choca, realmente, o conhecimento do resultado da Amoreira. E não é sem um estremecer que qualquer adepto vê uma equipa como a do Benfica desempenhar um mau papel, tão certo é ter-nos este clube acostumado a feitos de valor. Quem percorrer a história do futebol português logo se convencerá de tal. Afinal, isso só prova que todas as equipas estão sujeitas a abalos, mais ou menos profundos. Mas todas as coisas apresentam o reverso da medalha, e esse é-nos dado, na hipótese, pela alegria do Estoril Praia, pensando:—Se o Benfica tambou, porque não cairão os outros... Convenhamos que esta força moral tem algum valor.

Há que anotar, como factos positivos da segunda jornada, os seguintes dados: o brilhante comportamento do Sporting; a queda do Atlético; a descida do Belenenses; o levantamento moral e técnico do Futebol Clube do Porto (reviverão, enfim, as emotivas lutas entre o Norte e o Sul?); a condição física dos setubalenses; a crise algarvia de rematadores; a juventude da Académica e do Famalicão; um melhor apetrechamento do Vitória de Guimarães; a subida do Elvas, em relação ao campeonato regional; os esforços do Boavista para se elevar, não encontrando *team* à altura; por ultimo, as nuvens negras que pairam no futebol de Aveiro.

Os resultados da segunda jornada exprimem-se nos seguintes números:

Belenenses...	0	—	Porto.....	2
Vitória S....	3	—	Olhanense..	1
Sporting....	9	—	Atlético....	2
Estoril....	6	—	Benfica.....	3
Académica..	4	—	Famalicão..	2
Elvas.....	8	—	Sanjoanense	0
Boavista....	1	—	Vitória G... 2	

Certamente, há ainda muito caminho a percorrer. No mundo

da relatividade não estão, por enquanto, assentes as posições. Pode-se, porém, afirmar afoitamente que o Sporting tem o seu grupo solidamente ligado. É a melhor força actual. Acrescentando-se que, no horizonte, desponta um valor de influência, o Futebol Clube do Porto. Todos os concorrentes estão dispostos a uma luta sem tréguas. Nem admira que assim seja. O desfalecimento

5 bolas contra 4, 2 pontos; Belenenses, 1 empate e 1 derrota, 1 bola contra 3, 1 ponto; Atlético, 1 empate e 1 derrota, 3 bolas contra 10, 1 ponto; Benfica, 2 derrotas, 5 bolas contra 9, 0 pontos; Sanjoanense, 1 derrota, 0 bolas contra 8, 0 pontos; Famalicão, 2 derrotas, 7 bolas contra 13, 0 pontos.

A excepção da Académica e do Sanjoanense, com um só encon-

duzem à vitória e à derrota, eles devem ter o lugar de honra no que se está a passar.

Mas não devemos esquecer a influência de Szabo, o treinador húngaro quase português.

Já contra o Benfica tivemos oportunidade de verificar como as forças se encontravam bem dispostas no campo. Não havia buracos. Vislumbramos que nas Salésias se terá passado o mesmo. Diz-se que o adversário (Belenenses) não teve jogo de perfuração. Sem dúvida. Mas nós não devemos pedir aos jogadores mais do que aquilo que eles nos podem dar.

Ora o Porto esteve num dos seus dias. Lembremo-nos, porém, que não se joga bem por acaso. É preciso dispor as coisas de modo a criar um estado gerador da sorte; pelo menos, que aproveite a brisa. O Porto mostrou uma equipa válida na defesa. Repare-se no progresso de Barrigana! Completando essa defensiva com uma linha média fresca e ou-sada, capaz de sacrifícios. Além de tudo, o concurso de Catolino veio tornar mais eficaz o trabalho do assalto. Bastava que este dispusesse de uma unidade como Araújo para ser perigoso! Bem vistas as coisas, o triunfo portuense aparece-nos como lógica resultante da subida de um grupo; e da descida de outro, dado o esfacelamento do seu sector defensivo e o aparecimento de causas morais que, nem por encobertas, deixam de influir no rendimento do conjunto.

O Belenenses jogou, em períodos, não dando uma média de jogo normal e aceitável.

Os médios suportaram, e a força tem limites!, enquanto possível, o peso da luta. Depois—deram de mão. E a ofensiva não teve talento, e não podia tê-lo, para perfurar uma defesa aguerrida. Isto não quer dizer que o Belenenses não possa ganhar desafios. Cove-nhamos todos em que a *dian-teira azul* há muito que anda doente, desde os interiores, e principalmente, quanto a estes, aos outros postos. Deste modo, o Belenenses não conseguiu anular a vantagem dos dois tentos do adversário—mesmo quando exerceu domínio. É lógico. As linhas:

*Belenenses*—Capela, Moura, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Quaresma, Andrade, José Pedro e Palma Soeiro.

*Porto*—Barrigana, Alfredo, Guilha, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Sanfins e Catolino.

*Arbitro*—Augusto Pacheco, de Aveiro.



Nas Salésias, o Porto revelou uma excelente organização de jogo e colocação dos jogadores. Os atacantes portuenses mostraram impeto e decisão, que reflecte neste lance. Capela defenderá desta vez, pois a bola já se encontra no seu domínio...

é a morte. Quem poupar o seu inimigo, no lar ou fora de casa, morrerá mais tarde. A competição não dá margem para complacências.

A tabela, tão curiosa de indicações, fornece os seguintes números:

Sporting, 2 vitórias, 18 bolas contra 7, 4 pontos; Porto, 2 vitórias, 5 bolas contra 2, 4 pontos; Vitória de Setubal, 1 vitória e um empate, 4 bolas contra 2, 3 pontos; Vitória de Guimarães, 1 vitória e 1 empate, 3 bolas contra 2, 3 pontos; Boavista, 1 vitória e 1 derrota, 3 bolas contra 3, 2 pontos; Estoril, 1 vitória e 1 derrota, 7 bolas contra 5, 2 pontos; Elvas, 1 vitória e 1 derrota, 9 bolas contra 4, 2 pontos; Académica, 1 vitória, 4 bolas contra 2, 2 pontos; Olhanense, 1 vitória e 1 derrota,

as outras forças já realizaram dois desafios.

### O Porto revive!



ÃO é sem emoção que escrevemos estas palavras: o Porto revive! Quem um dia viu jogar a equipa tripeira, no molde científico, mas especialmente quem se recorda das mais belas lutas do futebol português na base Lisboa-Porto, não pode deixar de apreciar este retorno de forma.

Porque os jogadores são, em última análise, os elementos que

## Boa condição física dos setubalenses!



UDO parecia indicar pelo começo do jogo — pontos a favor do Olhanense. Afinal, como tantas vezes acontece, a partida teve duas caras, e uma delas fez esquecer a outra. Primeiramente, o Olhanense desempenhou o papel de grande senhor. Os setores defensivos mostravam-se alerta, não deixando o adversário pôr pé em ramo verde. E certo que não davam o alimento à linha da frente algarvia senão em condições deficientes. Mas o ataque algarvio, depositando a bola no chão, mostrava poder suficiente para ditar a palavra de ordem. Em toda a primeira parte, a organização olhanense foi melhor do que a setubalense.

Precisamente no último apito — Setúbal conquistou a bola do empate. O intervalo fez-lhe bem. Quando reapareceram, os setubalenses pareciam outros: eram eles que indicavam o caminho a seguir, obrigando os algarvios a seguirem por ele — mesmo que não quisessem...

Estamos convencidos que este reverso da medalha, além das circunstâncias fortuitas que sempre surgem no decorrer de uma partida, se devem à magnífica condição física dos homens do Vitória. Um *team* que joga sempre velozmente, dominado ou a dominar, há-de forçosamente dispor de fôlego, e este adquire-se com treino bem ordenado.

No capítulo do conjunto, qualquer das equipas, no seu bom período, classificou-se com boa nota. Tornou-se, todavia, saliente a baixa forma de alguns algarvios, precisamente dos melhor cotados. O Olhanense estreou esta época um elemento novo na extrema direita, de pé lesto e olho vivo. Porque não seguir na orientação?

**Vitória de Setúbal** — Baptista, Montez, Figueiredo, Pereira, Pina, Pacheco, Passos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Borges.

**Olhanense** — Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Joaquim Soares, Joaquim Paulo, Eminência, Salvador e Moreira.

**Árbitro** — Manuel da Silva, de Lisboa.

## Sporting, um valor da defesa ao ataque!



que interessa na prática, embora seja discutível em teoria. Temos, pelo nosso lado, o convencimento de que os valores da defesa não estão bem relacionados. Mas são os adversários do Sporting que se encarregam de fazer triunfar a tática. Não esqueçamos que o sistema, desde que se triunfe, é sempre bom.

O desafio do Lumiar A é daqueles que se contam em duas

palavras. Os *leões* atacaram sempre, tendo um período brilhantíssimo. Os *goals* foram-se acumulando nas balizas do Atlético com bastante regularidade. Quer dizer, os atacantes verde-brancos martelaram as redes vigiadas por Correia. De resto, além do crescendo dos médios, parece-nos ser esta, a qualidade de atirar às redes, uma das melhores virtudes sportinguiastas.

Em contraste, o Atlético deu demasiada sensação de inferioridade. Queremos acreditar que jogou menos do que sabe e pode. Mas a verdade é que não há nada mais desmoralizador do que ver entrar as bolas nas balizas... Então, por mais que se queira, tudo resulta mal, e aqueles que chutam bem não sabem chutar e os melhores rematadores transformam-se em pessoas inofensivas. **As linhas:**

**Sporting** — Reis, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

**Atlético** — Correia, Baptista, Galinho, Franco, José Lopes, Morais, Oscar, Armindo, Barbosa, Gregório e Marques.

**Árbitro** — Ribeiro Sanches, de Lisboa.

## O Estoril deu a melhor medida!



crítica considerada unanimemente que o Estoril foi a equipa mais homogênea, que produziu melhor futebol e que soube explorar com mais sentido as oportunidades que se lhe depararam. Quando isto é assim — nada há a acrescentar. As vezes, uma equipa perde, dando a impressão da sua superioridade. Não é este o caso da Amoreira!

O Benfica jogou num desnoatamento quase absoluto. Apresentou falhas sensíveis na defesa, e um ataque sem ligação, e mesmo descontrolado. A linha média, com esses dois *grandes* que se chamam Moreira e Francisco Ferreira, ainda lutou com a maior energia para mudar a face das coisas. Mas estava escrito. Nada poderia transformar o que não tinha transformação. Os médios chegaram ao fim — batidos e vencidos! Que mais podiam eles fazer, sem auxílio através nem compensação adiante?

Pelo contrário, o Estoril jogou soberbamente. Com uma força de vontade e uma insistência na luta que provocaram viva admiração. *Team* ligado, de boa posição no terreno, consistente na defesa e apto no ataque. Veremos no decorrer da competição se os seis *goals* representam, ou poder de perfuração do ataque do Estoril ou defesa benfiquense denunciadamente inferior. Porventura, no meio termo estará a verdade.

Não devemos esquecer, todavia, que o Estoril chegou a ter três bolas de vantagem, e que soube reagir, praticamente, quando a diferença de *goals* se reduziu ao mínimo. Isto quer dizer alguma coisa!

**Estoril** — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto,

Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

**Benfica** — Orlando, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espirito Santo, Arsénio, Andrade, Vitor Baptista e Rogério. **Árbitro** — José Serandezes, de Lisboa.

## Académica mostra-se ameaçadora...



ALA-SE por vezes dos grupos sem conhecimento de causa. Da Académica, por exemplo, há sempre a esperar mais do que se julga...

A sua primeira parte, rápida, e de boa técnica, afirma o valor do grupo. Jogando ao ataque, e obrigando as linhas do *team* visitante a retraírem-se, o grupo impôs o seu jogo. Os três-zero a seu favor, no primeiro tempo, dão a imagem do futebol: ao assalto de um lado; na defensiva, do outro. Tenha-se em conta que essas bolas resultaram de jogadas de combinação.

O adversário, extraordinariamente aguerrido, não se deixara enlear por completo. Mas fraquejava sensivelmente, tendo alguns dos seus elementos atacantes de reforçarem a defesa.

Os espectadores deviam ter a impressão de que havia no terreno mais *capas negras* do que homens do Famação. Essa imagem continuou a pairar, mas mudou de campo. Na segunda parte, a vez de dominar territorialmente, posto que sem expressão prática, coube ao onze do Famação, o qual deu mostras de invulgar energia.

Talvez por causa do resultado feito, a Académica deu largas mais do que devia. Semelhante orientação, ligada ao espírito de luta de um grupo que tem orgulho na sua força — poderia conduzir à desgraça. Mas a avançada do Famação, viva, enérgica e quase endiabrada, não mostrou poder de remate a cobrir a sua vivacidade. Os estudantes, na altura devida, voltavam ter as rédeas do comando.

**Académica** — Jacques, António Maria, Brás, Lomba, Mário Reis, Eduardo Santos, Mical, Azeredo, Garção, Leite e Bentes.

**Famação** — Sansão, Lourenço, Cerqueira, Armando, Climaco, Ferrão, Mendes, Júlio Costa, Alvaro Pereira, Szabo e Sampalo.

**Árbitro** — Vale Ramos, de Aveiro.

## Sanjoanense, ou uma estreita de inferior qualidade!



ANJOANENSE, o campeão de Aveiro (e não discutiremos, de momento, se é, ou não, a melhor força do distrito, pois todos os adeptos daregião se devem juntar

à sua volta, fortalecendo as suas bases!), foi duramente fustigado na sua estreia. Tal não quer di-

zer que o grupo mereça ser condenado à morte. Não é impunemente que um *team* modesto dá um pulo para uma competição como esta, que exige um ritmo mais rápido de jogo, e forças musculares mais sólidas.

O *team* deverá, mesmo, sofrer mais punições nas viagens. Mas os seus orientadores devem tirar o miolo da lição: ver o que há a rectificar e corrigir, enveredando pelo caminho do futebol organizado, com treinador à altura e ensino teórico devido. Aplicando, em seguida, quando em casa, o fruto da experiência colhida.

De resto, o *team* jogou razoavelmente na primeira parte. Isto é, enquanto teve fôlego. Um pouco à base do esforço individual. Na segunda parte, o Elvas caiu a fundo, e falou o saber e o futebol de conjunto. Neste tempo, os elvenses evoluíram com brilho no ataque, desmarcando-se todas as suas unidades com perfeição. A defesa sanjoanense compreendeu, então, como é diferente o futebol da Primeira Divisão do Campeonato Nacional.

**Elvas** — Semedo, Neves, Oliveira, Henrique, Toninho, Rebelo, Virgílio, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

**Sanjoanense** — Mota, Carvalho, Costa Leite, Silva, Baptista, Quintino, Pardo, Santos, Soeiro, Azeredo e Joaquim.

**Árbitro** — João Vaz, de Lisboa.

## Nem sempre interessa o domínio territorial!



DOMINAR territorialmente é já alguma coisa, mas não é tudo. Um *team* poderá estar instalado na metade do campo do adversário, e todavia isso não basta para a

conquista do triunfo. O Boavista, onze que adopta o sistema da triangulação curta, com retenções de bola por parte dos seus dianteiros, invadiu muitas vezes a metade de Guimarães, mas perdeu-se em *dribblings* e passagens, não acertando com o caminho das balizas. Foi, por vezes, mais do que inofensivo na área da verdade. Sucede assim sempre que os dianteiros transportam a bola e não a querem dar aos seus companheiros. Na oportunidade devida não têm forças para o remate...

O Vitória, no fundo, cotou-se como grupo de conjunto mais sólido. Soube cerrar fileiras, quando necessário, e cair a fundo ao lobrigar os momentos de exploração. Teve, mesmo, desembarço de remate, quase todos provenientes de avançadas pelas extremidades.

Ganhou o *team* mais prático, e quer-nos parecer que os vimezanenses aprestam-se para infligir algumas torturas.

**Boavista** — Mota, Silva, Pereira, Raimundo, Serafim, Garcia, Luzia, Ernani, Caiado II, Caiado I e Barros.

**Vitória de Guimarães** — Machado, Curado, Luz, Lúcio, Ferreira, José Maria, Alexandre, Rebelo, Miguel, J. Teixeira e Alcino.

**Árbitro** — Vasco Ataíde, de Coimbra.



# A passagem por LISBOA da equipa do PORTO

## AS OPINIÕES de SZABO



O treinador do F. C. Porto, conversa animadamente com dois directores do Sporting. O assunto parece interessar-lhes alguma coisa...



Alfredo, Carvalho e Joaquim, três rapazes novos e cheios de possibilidades na equipa do F. C. Porto



Os jogadores do F. C. Porto, Lourenço, Catolino e Sanfins, da 1.ª categoria, Leite e Falcão (Toninho), das reservas, em passeio amigável, por Lisboa, antes do jogo com o Belenenses

— Valongo?  
— Está connosco. Deve jogar no próximo domingo, alternando com Barrigana. A necessidade e conveniência de se ter dois guardaredes em forma!  
— Não podíamos reter Szabo por mais tempo. Lá se foi para junto dos seus rapazes, ligeiro de movimentos e bem disposto. Curioso e simpático, este mister Szabo. De aí a pouco — o Porto venia, novamente um dos grandes de Lisboa!

FERNANDO SÁ

Antes do almoço, no passado domingo, os jogadores do Porto, que não parecem muito preocupados, deixam-se fotografar — com simpatia. Como se vê, todos vestem com elegância quase irrepreensível!

O Futebol Clube do Porto, logo na segunda jornada, veio de alongada a Lisboa, mostrar-se nas Salésias.

Fomos surpreender os portuenses, primeiro, na Avenida da Liberdade, gosando o sol que conseguira romper a neblina com que Lisboa amanhecera. O grupo tripeiro, neste passeio, fraccionara-se.

Carvalho, Alfredo, Joaquim e Sanfins desciam, em animada conversa, a Avenida. Mais atrás outro grupo: Leite, Catolino e Toninho.

Depois, Barrigana, Correia Dias e Guilhar. Acompanhámo-los ao almoço, presidido pelo mestre Szabo, durante o qual se ouviu a seguinte opinião de Correia Dias: para se ter energia é preciso comer bem. E de facto, qualquer dos onze do Porto fez honras à ementa.

— O grupo deste ano?

— Sensivelmente o mesmo. Temos Carvalho, de novo, pois foi um junior do Porto, e Sanfins. Há um elemento que nos parece será uma revelação, o nosso half Joaquim.

— Confiantes, então, num bom lugar no torneio?

— A vitória sobre o Benfica não traduz fielmente o que poderemos fazer. Estes primeiros jogos são a pedra de toque.

... Sobre o aspecto associativo do Porto?

— Situação razoável. Interêsse pelo clube? — grande. Sócios? — aumento considerável mas a grande revolução surgirá quando tivermos o nosso campo.

Nesta altura, mestre Szabo dera ordem para os jogadores se dirigirem para o quarto n.º 20, onde pouco depois se efectuou uma palestra de tática de jogo, durante a qual as mãos do treinador, fazendo mover pequenos jogadores de madeira, iam exemplificando o seu pensamento.

Só depois da sessão, mister Szabo nos dedicou o tempo para a cavaqueira, saboreando um bom café.

Este húngaro que há 21 anos está connosco, acompanhando dia a dia o movimento do nosso futebol, diz sempre coisas curiosas.

— Falar de futebol? — Interroga-nos Szabo, enquanto mordia o seu charuto. — Caminha-se mal. Tenho receio do futebol português. Falta de gente. Se desaparecem dois ou três elementos dos actuais de grande plano será fatal. Cava-se um abismo terrível.

— Porquê esse pessimismo?

— Não se trata disso. É a observação do treinador, apreciando cuidadosamente os problemas sérios do futebol.

Pense-se bem neste aspecto: É impossível fazer jogadores quando já têm bigode. Principiar a moldá-los já repletos de defeitos. É uma pena que, em Portugal, não se possa começar a jogar futebol antes dos 18 anos!

— E vem uma recordação a propósito.

— Com 18 anos fui eu internacional e aos

16 alinhava na primeira categoria dos Ferreiros.

Será possível rever e transformar essa determinação? Permitir que venham para as nossas mãos os rapazes de 14 anos? Então, sim, poderíamos lançar-nos num trabalho profundo, bem delineado, com vista ao futuro do jogo. Não se trata só de chutar na bola. Há que acompanhar de perto — perfeitíssimo — os jovens jogadores, com mil pretextos para lhes formar uma saudável constituição física, moral e social.

— Vejamos outro aspecto. Para os adeptos e para o público. Muito há ainda que lhes ensinar, também! Cada um vê futebol à sua maneira, num esquecimento absoluto de que o grande jogo tem as suas regras. Convençam-se que isto de ver futebol não é para qualquer rapalo!

Mesmo em nossos dias, com uma facilidade espantosa, a multidão cai sobre o árbitro como o causador das adversidades do jogo.

Todos os resultados e todos os acontecimentos são culpa do árbitro!

Pois, eu há 21 anos em Portugal, só uma única vez assisti a um jogo em que o árbitro originou a derrota!

— O futebol em Portugal?

— É só Lisboa! A província não consegue uma posição de desafoço que lhe permita fazer frente ao futebol da capital. Enquanto que Lisboa ganha sempre dinheiro, os grupos da Província não conseguem a verba necessária, muitas das vezes, para pagar a deslocação.

Qualquer grupo da capital que vá ao Norte traz receita suficiente para cobrir as despesas. O mesmo não sucede quando os grupos da Província descem a Lisboa. Isto é de uma vantagem para a capital a toda a prova. E nunca a Província poderá fazer-lhe frente, pois que nunca pode conquistar os jogadores que só uma boa situação financeira permite.

— Mas, tecnicamente, qual a sua opinião do futebol português?

— Tecnicamente? Não, taticamente. Estamos agora melhores. No campo técnico nunca mais haverá a época de um Pinga ou de um Armando Martins.

Aproximava-se a hora da partida para as Salésias. Aproveitamos ainda os últimos momentos de que dispunha mister Szabo.

— Que tal se dá pelo Porto?

— Bem. Boa gente e bons amigos.

— O novo estádio do Porto deve ser um facto?

Szabo fica por momentos calado. Esboça um leve sorriso e diz-nos:

— Talvez. Mas duvido até que os meus olhos vejam a obra concluída. Há 18 anos que se fala no campo do F. C. do Porto e ainda o não têm!

— Que espera do seu grupo?

— Boa presença. Tenho confiança, mas a bem dizer só disponho destes onze...

# CARLOS WILSON

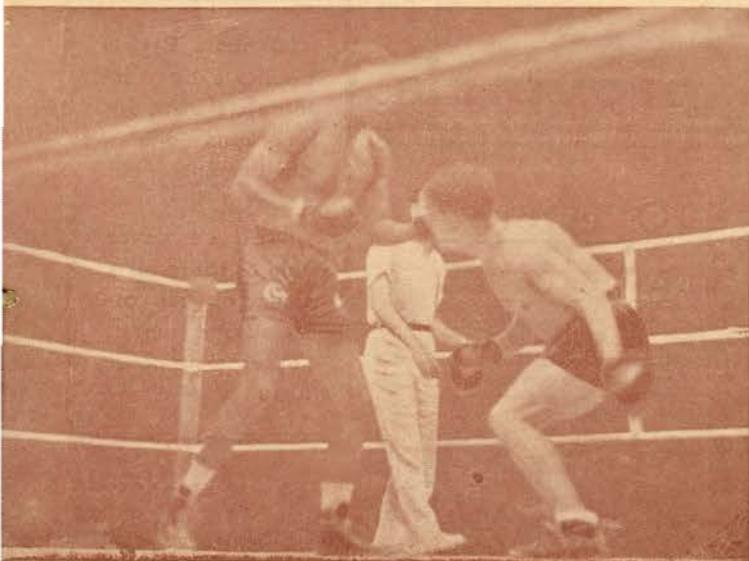
domina António de Figueiredo

e propõe-se combater

# JORGE LARSEN

\*

Sousa 2.º derrota Cruz Passos  
por pontos



Wilson, aproveitando a guarda descoberta de Figueiredo, alcança-o com um golpe esquerdo na face. Note-se o suíngue em preparação, por parte do branco

A última sessão de boxe, celebrada no Coliseu dos Recreios a 25 do mês findo, pontentou amplamente que os nossos pugilistas, mesmo aqueles de melhor quilate, praticam um arremedo de esgrima de punhos bastante primitivo e desordenado.

Sem fazer injustiça aos méritos dos escassos Instrutores existentes, apenas proclamando a verdade, podemos afirmar sem reboço que em Portugal continua a jogar-se o *murro* em lugar do boxe.

Desde a gama dos golpes clássicos às «combinações» e «séries», passando pelas «paradas» e «esquivas», raro se topa quem procure esgrimir a preceito, empregando os meios ofensivos e defensivos, típicos, da arte de Carpentier.

Por tal razão, todos os combates do programa elaborado pela empresa tiveram um cunho de banalidade e monotonia. O primeiro, entre Filipe Rebordão, gordo e sem treino, e Manuel Duarte, concluiu pela vitória pontual daquele jogador, cujas qualidades ofensivas supriram a sua pouca mobilidade.

Duarte fez o que podemos denominar combate «negativo». Fugiu sistematicamente à acção, contentando-se em recuar e romper contacto, batendo ao de leve e a espaços, de longe em longe.

Decisão justa, por pontos, e boa direcção de Machado Júnior.

O desafio imediato, entre Manuel de Sousa e Cruz Passos, arbitrado por Jordão França, teve o ardor das batalhas violentas, em que predominou a força. Sousa foi o mais lesto e o mais oportunista dos dois jogadores, ainda que praticasse um jogo demasiado aberto e imprudente.

Usaram e abusaram dos socos largos, laterais, sem finas nem preparação; desperdiçaram oportunidades magníficas, em particular Passos, cujos reflexos possuem fraca acuidade, mas bateram-se duramente.

O 3.º, 5.º e 6.º assaltos foram os melhores de Sousa, em especial o terceiro, que lhe pertenceu à falta. Passos reagiu melhor nos 7.º e 8.º, mas não alcançou vantagem bastante para vencer.

Em resumo: o melhor combate da velada, mas nem por isso foi empolgante.

Diamantino Gama e Kid Santos fizeram uma demonstração prática da maneira como se não joga o boxe.

O primeiro, guardado à direita, tem como arma «secreta» o *hook* esquerdo, muito largo e visível a tempo de se evitar. O segundo está na infância da arte e quando pode agarra-se ao parceiro.

Das os continuados *corpo-a-corpo*, que podiam ter levado à desclassificação se o árbitro fosse rigoroso. Nos últimos assaltos, Diamantino estava a cair de fadiga e acusou bastantes vezes as «trancadas» que o angolano lhe aplicou no rosto.

A decisão, beneficiando Kid Santos, correspondeu mais à sua superioridade física que técnica. Sob este particular, é caso para dizer que os dois homens mereciam sair vencidos da arena.

O combate de fundo, entre António de Figueiredo e Carlos Wilson, terminou com a derrota de Figueiredo, bastante imprevisível, aliás...

Wilson subiu ao retângulo do jogo com uma desvantagem de quase quatro quilos. A sua maior mobilidade, posta em contraste com a lentidão de Figueiredo, permitiu-lhe evitar o combate de perto e escolher a troca de golpes que lhe seria prejudicial.

Por isso, o moçambicano jogou de longe, esquivando e batendo a escaper, num crescente manobrar de felino, que confundiu o antigo campeão.

Figueiredo atingiu com frequência a atmosfera e só alcançou o adversário, por acaso, nos 3.º e 7.º assaltos, com escassos golpes de aparente vigor. Terminou bastante fresco e capaz de disputar outros oito assaltos na mesma toada, mas foi inferior ao adversário em inicialiva. Muito aberto na linha alta, recebeu várias vezes o punho de Wilson sobre as feições.

José de Araújo atribuiu a vitória pontual ao moçambicano, com justiça.

Resumindo: foi um espectáculo regular mas pouco brilhante; sem rasgos de entusiasmo, dada a fraca qualidade dos «artistas» que figuraram no *cartaz*.

O público ocupou mais de meia casa e não mostrou desgosto, sinal de ter aceitado de boa índole aquilo que lhe proporcionaram.

Rafael Barradas



Sousa 2.º entra irregularmente, de cabeça, depois de esquivar um «hook» direito do adversário, Cruz Passos

# Stadium na província

A nossa Revista publicará boas fotografias de todos os grupos e atletas, devidamente equipados.

Não se devolvem as fotografias, sejam ou não publicadas, a fim de figurarem no nosso Arquivo.

## O esforço admirável da Província

A província contribui com o melhor entusiasmo para a valorização do desporto nacional. Ora conseguindo bons grupos de futebol, ora dedicando-se a outras modalidades populares, — a Província não perde nunca a ocasião de se elevar a bom plano.

Mesmo sem falar de equipas que já se afirmaram na luta contra outras da melhor categoria, pode estender-se esta referência a grupos de modesto comelimento. Existem, em quase todos os concelhos, grupos de futebol, admiráveis de persistência e de fé nos seus destinos, trabalhando sempre como amadores firmes e dedicados.

E não se importam, antes o desejam, que os seus melhores praticantes passem a defender as camisolas dos grandes clubes nacionais. Na defesa de equipas de primeiro plano encontramos variadíssimos jogadores que principiam nos mais escondidos centros, onde os desportistas locais se vangloriam desta contribuição honrosa.

Embora com poucos recursos, procuram instalar-se convenientemente. Possuem os seus campos de futebol e de basquetebol. Alguns, com alto sentido desportivo ou fazendo gala das suas possibilidades organizadoras, construíram as suas piscinas ou tanques, os seus recintos de patinagem...

Não pode esquecer-se, na verdade, o admirável esforço da Província. Por isso a nossa Revista, que vive para o desporto, lhe presta sempre a sua homenagem sincera.



O 1.º grupo de futebol do Sporting Clube Beirão, de Celorico da Beira-Gare, que muito se tem esforçado na propagação do popular desporto

## Campos de jogos

Ainda há pouco foi inaugurado na linda vila de Estarreja um magnífico campo de jogos, por sinal no decurso de uma simpática festa em que colaboraram o Belenenses, campeão nacional, e o Oliveirense, então titular aveirense. Estas festas têm sempre o condão de agitar o meio em que se realizam. Assim aconteceu em Estarreja. Assim acontecerá por aí fora.

Pois já se anuncia, em Avanca, também no distrito de Aveiro, a construção de um belo Estádio, que ficará na posse da Associação Atlética de Avanca, graças à iniciativa valiosa de alguns comerciantes da progressiva vila.

Vê-se que a Província trabalha esforçadamente e procura corresponder com inigualável brio. Pois venham mais campos, não só de futebol como de basquetebol, recintos de patinagem e outros.

Portugal precisa de uma verdadeira Província desportiva!



Em Portalegre não existem apenas o Estrela e o Desportivo. A fotografia que publicamos é a do Facha! Futebol Clube, brioso grupo local



Outra filial do Benfica: — o Sport Lisboa e Mirandela, formado por Pereira, Alfredo, Eurico, Figueiredo, Amaro, Tibério, João, Tobias, Francisco Sousa (treinador) Norberto e Ernesto



O Operário, de Lisboa, tem uma filial! O Operário F. C., de Portimão, que aqui se vê com seu presidente (à direita) e secretário (à esquerda)

# A velocidade dos setubalenses desorganizou os algarvios



Um lance de ataque do Estoril, com remate de cabeça. O jogador está bem lançado, mas a jogada morrerá nas mãos do guardarede

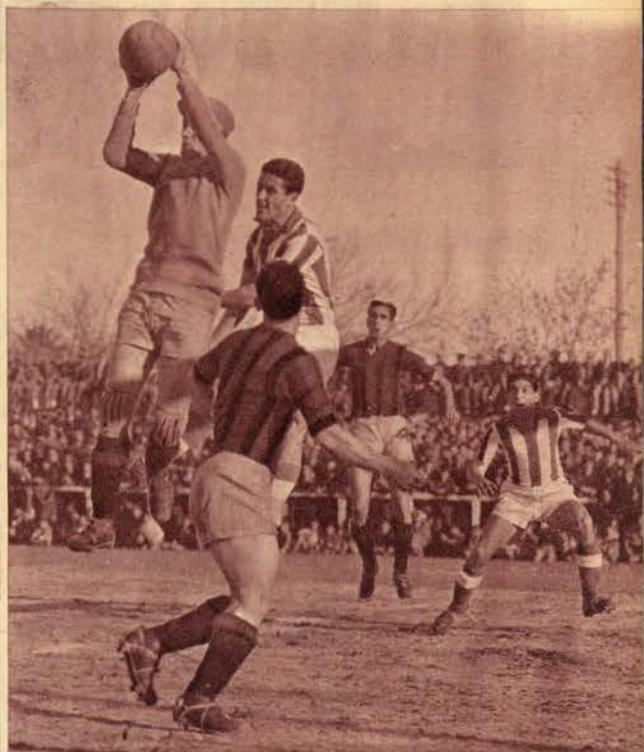
## Vitória do Estoril ou a surpresa da jornada



Os jogadores do Estoril, comportaram-se com extraordinária força de vontade. A alma do Benfica assentou arraias no Estoril!



Mota, do Estoril, deu muito trabalho ao guardarede do Benfica, que teve um dia de estreia pouco auspicioso...



Abraão guardarede do Olhanense, executou um pênhaldo de boas defesas! Deve destacar-se a sua actuação — porque os dianteiros setubalenses não o pouparam!



Abraão defende mais uma vez. Grazina ao longe, não esconde a sua alegria!



Uma avançada setubalense, impetuosa, é cortada por um méd algarvio, bem colocado no terreno.

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

JOGOS INTERNACIONAIS À VISTA!

## Os nossos vizinhos

### andam um pouco nervosos

A selecção portuguesa de futebol já se encontra em plena actividade. A escolha da equipa lisboeta foi encaixada, por assim dizer, nos treinos do Grupo Nacional. Trata-se de uma orientação lógica e compreensível, tendo em vista que a Selecção Nacional assenta na base de Lisboa. De resto, como a linha de interesse é a mesma — tudo se conjuga, desde que haja vontade de acertar e lealdade de processos.

Com regularidade — têm-se efectuado treinos semanais. No primeiro fallaram vários elementos. No segundo — compareceram todos. Sendo possível que tenha influído um comunicado emanado da Federação de Futebol...

A sessão da semana passada decorreu com muito interesse. Mesmo com evidente provelto. O onze da Cuf, que se comportou excelentemente no seu papel de treinador, não recorrendo à força mas imprimindo um ritmo veloz no treino, constituiu um bom auxiliar. A sua maneira obrigou o adversário, isto é, os prováveis internacionais, a demonstrarem o seu engenho. Viu-se na Selecção o seguinte: uma defesa sólida — Azevedo foi recordado! — uma média activa e uma avançada brilhante.

Para a terceira sessão, que hoje se efectuará, de manhã, no campo de treinos do Estádio Nacional, a fim de apresentar no próximo dia 15 a grande pista no melhor estado possível, foram convocados os seguintes elementos:

**Sporting** — Cardoso, Manuel Marques, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano. **Benfica** — Moreira, Francisco Ferreira e Rogério. **Belenenses** — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro e Serefim. **Atlético** — Correia. **Académico** — Pacheco. **Porto** — Araújo. **Boavista** — Celado. **Académica** — Bentes. **Team Treinador** — o Oriental.

Os seleccionados lisboetas devem concentrar-se depois da próxima terça-feira num hotel de Lisboa, para jantar e repousar — fazendo, no entanto, a sua vida normal. Haverá ainda mais um treino de conjunto na próxima semana, e outros exercícios de ordem técnica.

O desafio Portugal-Espanha, marcado para 26 de Janeiro, realiza-se logo a seguir ao desafio com a Suíça. Quase não dá tempo para respirar... Podemos, talvez, acrescentar que o Seleccionador Nacional encara o grande encontro ibérico como um dos principais objectivos da presente época Internacional.

Por Espanha há a mesma ideia. Todos por lá pensam ser necessário fazer o impossível para, ainda, desta vez, continuarem invencíveis... A imprensa vizinha, consciente do seu papel, procura revelar o Grupo de Espanha de moral sólida, como que colaborando com Pablo Hernandez Coronado, de quem são estas declarações na «Marca», ainda frescas:

«Em Espanha, não constitui problema o trio defensivo. As dificuldades residem no ataque. Em Lisboa necessito de meios que defendam mais que ataquem, para não arriscar desmoralizado, e, em troca, preciso de dianteiros profundos e com remate. Por agora, não me têm convencido os que vi, mas, até 26 de Janeiro, tenho tempo.

Com respeito aos possíveis treinos da equipa espanhola, estes serão constituídos pelos próprios jogos, como os que se vão jogar contra os argentinos de San Lorenzo».

Pablo Hernandez Coronado pará, portanto, à prova, como se depreende das suas declarações, o Grupo espanhol em match contra os argentinos. Ficará, deste maneira, com a sua medida de jogo.

O nosso camarada Tavares da Silva também concedeu à revista madrileña «Meta» uma entrevista, publicada com o maior destaque, mas em que aquele nosso querido camarada pouco adianta. As suas declarações são, no entanto, assaz brisiosas — pela retribuição de algumas graças espanholas, mas de sabor português...

Os comentários acerca do Portugal-Espanha, que amiúde são estampados nos jornais e revistas do vizinho país, provam, afinal, que o match constitui presentemente a maior preocupação do futebol espanhol. Não somos nós apenas que denunciamos ansiedade. Os nossos vizinhos também andam um pouco nervosos!

## CONTA-GOTAS

Rui de Araújo, antigo jogador leonino, e que conservará pura a sua fibra sportinguista, veio a Lisboa assistir à final do Campeonato Regional.

Vimo-lo, forte e apumado, sempre entusiasmado com as coisas da bola. A nossa pergunta sobre se ainda jogava esta época, respondeu-nos com simplicidade:

— E' o meu 24.º ano de jogador, e já agora retirar-me-ei somente depois de uma festa que alguns amigos querem à viva força organizar. Já fiz alguma coisa no futebol. Que outros venham agora fazer melhor.

E logo a seguir ao desafio, Rui de Araújo tomou o rumo de Braga por causa da sua actividade profissional.

## 2 assuntos

1 Os jogadores de futebol progredem na vida! Mostram que a sua energia não se extingue no jogo, mas que ainda lhe chega e sobra para outro desafio, por vezes bem mais duro e difícil, a chamada luta pela vida.

Podemos apresentar hoje três exemplos ilustradores. Um é o do Xico Ferreira, que, juntamente com Mário da Conceição, conseguiu transformar em pouco tempo a sua elegante boite, o Puchero, no restaurante preferido de todos os desportistas.

Outro é-nos dado pela abertura da casa de Fernando Peyroteo, ali, na Rua Nova do Almada, sítio central. A Casa está muito bem arranjada, e tudo leva a crer que vingue, acreditando-se rapidamente. O avançado-centro internacional trabalhará em artigos de desporto, mas para a presente época do Natal e Ano Novo dispõe também de variada e magnífica colecção de brinquedos.

Também António Feliciano constituiu a firma «Araújo & Feliciano», na altura própria, para comércio de vinhos e espumantes, sendo natural que não só os belenenses como os desportistas dos outros clubes prefiram os seus produtos.

2 Já os jornais desportivos publicaram um comunicado da Comissão Central de Arbitros, que visa, essencialmente, a uniformidade do critério arbitral. Julgar-se-á, provavelmente, que tais documentos platónicos não influam no movimento de arbitragem.

Sem dúvida, esta orientação poderia ser reforçada com outros meios. Mas alguma coisa ficará do escrito — que todos os árbitros devem soletrar com atenção.

## CORRE QUE...

O desafio Portugal-Suíça será arbitrado por um «referee» de nacionalidade inglesa, e que a Federação Portuguesa já se dirigiu ao Organismo inglês nesse sentido.

¶ A Suíça teria proposto a Portugal um árbitro inglês, francês ou espanhol para o dia 5 de Janeiro.

¶ Como a equipa suíça é encarnada, o Grupo Nacional convergará camisola azul, com as tradicionais quinas, e calções brancos.

¶ A pista do Estádio Nacional sofreu a invasão de um cardume enorme de minhocas, de desastrosos efeitos para a relva por revolverem a terra, o

Os suíços não se esqueceram, agora, de informar a Federação Portuguesa de que a sua camisola era encarnada. Que, portanto, competia aos portugueses a mudança de equipa...

Muito bem. A praxe internacional é, na realidade, a do visitado mudar de equipamento em caso de confusão. Todavia, não deixa de ser curioso anotar-se que os suíços não tinham a mesma opinião quando o nosso team se deslocou a Basileia.

Foi preciso até uma atitude firme — para eles se disporem ao cumprimento da reconhecida praxe. A Federação Suíça resistiu até ao fim, e somente se deu por convencida — ao reconhecer que não nos convencia!

De quando em vez recebem-se nesta Redacção cartas classificando-se de parciais os nossos comentários e a nossa maneira de ver bola. Regra geral, trata-se de pessoas que só vêem uma cor, mas que não têm tempo de olhar para si próprios.

Vários jogadores com quem falámos não escondem que gostariam de jogar noutra lugar. E' bem certo que ninguém vive contente com a sua sorte. Cada um julga poder fazer mais do que os outros, mesmo que não consiga dar conta da tarefa própria.

qual foi combatido implacavelmente.

¶ O campo de treinos do Estádio Nacional tem precisamente relva da mesma espécie da pista solene.

¶ Para dirigir o Lisboa-Paris deve ser nomeado o conhecido juiz de campo Carlos Canuto, que tem a categoria de internacional, já com baptismo.

¶ O médio-centro Pacheco, do Académico, tornou-se notado na sessão de treino: boa condição física e regular medida de passe.

¶ O Belenenses, aproveitando uma deslocação dos argentinos, tencionava organizar um desafio com o River Plate, o clube dos milionários.

# a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## NOTA DA SEMANA

VÁRIAS vezes se tem dito e não é demais repeti-lo aqui: as relações entre os povos da Europa podem achar caminho para um equilibrado entendimento político e racial se forem inteligentemente aproveitadas as tendências universalistas do Desporto.

Magnífico campo de actividade, como nenhum outro, jalando ao espirito e ao coração do homem do povo uma linguagem acessível e fácil (tamos dizer, oposta à da diplomacia profissional...), se forem desprezadas as suas enormes possibilidades será um triste acontecimento.

A Inglaterra, compreendendo o alcance pratico do intercambio desportivo, apressou-se em abater as barreiras convencionais do seu isolacionismo e hoje procura estreitar contacto com o maior numero de povos. Depois da campanha sensacional do clube moscovita Dynamo, revelador da alta eficiencia do futebol russo, veio a visita do Sparta, de Praga, seguida logo pela dos polacos e suecos do Norrkopping.

Prosseguindo nesta politica de aproximação e bom acolhimento, anuncia-se a chegada a Londres do Copenhagen Combinag, um misto dinamarqués que joga hoje (4 de Dezembro) contra o Huddersfield Town e a 9 e 11 do corrente contra Sheffield Wednesday e Brentford, respectivamente.

Trata-se duma autentica seleçao, organizada entre os cinco principais clubes de Copenhague, e conta no seu activo, durante os meses de Maio e Junho, algumas vitórias marcantes sobre clubes ingleses, em particular aqueles que agora foram escolhidos para lhe dar réplica.

No momento em que a U. R. S. S. resolveu incorporar-se na F. I. F. A., passando a conviver com os demais países na comunidade do futebol, parece-nos de bom agurço o entusiasmo que se regista na imprensa inglesa e nos terrenos dos jogos pela continuidade e estreitamento das relações desportivas internacionais. Oxalá que perdure e sirva de exemplo noutros campos de acção onde os interesses se têm chocado, sem qualquer harmonia ou beneficio para o comum.

R. B.

## BOXE

### Marcel Cerdan nos Estados-Unidos

Cerdan encontra-se já em Nova York e prepara-se para combater *Georgie Abrams*, a 6 do corrente, no Madison Square Garden.

Os jornalistas, que trocaram impressões com o campeão da Europa dos «médios», ficaram agradavelmente impressionados com a sua modéstia e boas maneiras.

Cerdan é o primeiro pugilista europeu que desembarca na América depois de concluída a guerra. Aspira a defrontar *Tony Zale*, actual campeão do Mundo da sua classe. O próximo adversário constituiu, por assim dizer, um plano de prova das suas aspirações.

### EM ESPANHA

Em Madrid reapareceu *Juanito Martin*, combatendo *Teodoro Gonzalez* no Frontón Fiesta Alegre. A luta foi pouco luzida, principalmente porque o madrilenho actuou com muita cautela, temendo magoar a mão direita, que tem lesionada e o reteve fora das lides. Gonzalez mostrou-se agressivo e audacioso, mas menos efectivo, pelo que a decisão de empate se ajusta ao comportamento dos dois jogadores.

Na mesma sessão, *Luis de Santiago* venceu *Young Ciclone*, por pontos. O canário boxou com maior brilhantismo e mais decisão, mas Santiago impôs-se pelo poder dos seus vigorosos golpes.

### EM INGLATERRA

*Bruce Woodcock*, campeão do Império Britânico, pôs fora de combate com a maior facilidade o titular francês, *Georges Martin*, em 4 assaltos. A luta não teve história, dada a diferença de classe, que se revelou desde o começo do desafio, entre os dois pugilistas.

Outro tanto não sucedeu mais tarde, no Seymour Hall de Marylebone, quando o campeão da Bélgica, *José Preys*, dos «leves», enfrentou *Stan Hawthorne*, pretendente oficial ao título da referida categoria inglesa.

Durante os cinco assaltos iniciais a contenda esteve igualada mas, no 6.º, Preys tomou bruscamente a ofensiva, com ferocidade, e pôs o britânico fora de combate.

Na mesma velada, *Kid Dussari*, detentor do campeonato belga dos «semi-leves», boxou com grande brilho e apurado estilo. O seu adversário, *Cláudio Dennington*, de Peckham, replicou com ardor igual até ao décimo assalto, mas, durante este período, encaixou

## FUTEBOL

### Inglaterra, 8-Holanda, 2

A Inglaterra conquistou uma vitória retumbante e significativa sobre a Holanda, vencendo por 8 bolas a 2 os representantes deste país. Durante vinte e cinco minutos da primeira parte os dianteiros Finney, Carter, Lawton, Mannion e Langton avassalaram as balizas defendidas por Kraak, Pothast e Van der Linden, batendo o guarda-redes seis vezes consecutivas!

A qualidade do futebol que os ingleses exibiram foi da melhor possível, como há muito se não presenciava.

Lawton esteve descomunal, marcando quatro tentos, o último dos quais constituiu um primor de concepção e execução. Carter meteu duas bolas; Mannion e Finney uma cada um. Da linha dianteira só Langton ficou sem goals no activo.

Do lado holandês destacaram-se Wilkes e Draeger, a asa direita, DeVroet, médio esquerdo, e Kraak, o guarda-redes.

Durante o banquete que se seguiu à vitória, o presidente da Federação Holandesa felicitou os adversários do grupo nacional, nos termos seguintes: «Em 30 anos que levo vendo futebol no Continente e em Inglaterra, a linha dianteira do dia de hoje jamais teve outra que se assemelhasse».

### Escócia 0 - Irlanda 0

Presenciado por 98.766 pessoas, efectuou-se no Hampden Park (Glasgow) o desafio entre os grupos representativos dos dois países.

Os irlandeses foram, individualmente e em conjunto, muito superiores aos escoceses, cuja actuação decepcionou a assistência.

Nos primeiros 5 minutos a Escócia ameaçou as redes de Hinton, mas o trio defensivo aguentou o assalto com serenidade. Depois,

um chuva de murros que o levaram ao tapete por 3 vezes, obrigando o árbitro a suspender a continuação do match.

Os belgas, desde há muito, constituem difíceis adversários e os franceses têm-no aprendido à sua custa. Dos britânicos, chegou agora a vez...

### O campeonato absoluto da Europa

Afinal, Paco Bueno—o comparsa de Agostinho Guedes naquela paródia do Parque Mayer—parece ter perdido uma oportunidade de mostrar o seu valor.

Em vésperas de combater Bruce Woodcock viu falharem-lhe os planos, porque aos ingleses não interessou, por agora, um espanhol guindado à categoria de *challenger*.

Para consolo dos seus males medirá forças em breve com o sueco Tandberg, que tem dimensões avantajadas, conquanto fraco poder de soco.

Se a coisa toma o aspecto sério, lá temos repetição do fiasco de Lisboa...

os irlandeses fizeram tudo excepto marcar tentos, por lentidão de Walsh, que teve duas oportunidades estupidas de goal feito.

### O Campeonato da Liga

O leader da 1.ª Divisão, *Liverpool*, esteve em risco de uma enorme surpresa no seu campo. Oposto ao *Arsenal*, andou batido por 2-1 até ao sexagésimo minuto, quando Balmer e, depois, Stubbins marcaram três tentos salvadores.

O *Charlton* e o *Chelsea* continuam perdendo em casa, baixando de posto com lamentável regularidade.

O primeiro saiu derrotado pelo *Blackburn Rovers* (2-0) e o último por *Aston Villa* (3-1). Pior ainda que os dois clubes londrinos está o *Derby County*, que sucumbiu por 5-0 ante o *Bolton Wanderers* e permanece no antepenúltimo lugar da classificação geral.

*Liverpool*, *Wolves*, *Manchester United* e *Blackpool* seguem, nesta ordem, a frente dos 22 clubes divisionários com 24, 22, 21, 21 pontos, respectivamente.

Os cinco dianteiros do leader—Eastham, Balmer, Stubbins, Done e Lidell—constituem a melhor linha avançada de entre todos os clubes ingleses. Devem conduzir o seu grupo à vitória final.

Na 2.ª Divisão, o *Newcastle* empatou com *Bury* (1-1), antepenúltimo da lista. *Tottenham*, vitoriosos de *Plymouth Argyle* (2-1) segue-o a 1 ponto de diferença, juntamente com o *Burnley*.

Na 3.ª Divisão (Norte), o *Dunfermline* (29 pontos) e *Cherter* (27) marcham destacados do conjunto, sucedendo o mesmo ao *Cardiff City* (27) e ao *Queens Park* (25) na zona sul.

*Cardiff* é o mais rápido e o melhor conjunto que, desde há muitos anos atrás, se verifica na 3.ª Divisão. Oito dos seus componentes são mineiros que apenas se treinam ocasionalmente, durante a semana.

A continuar assim, é quase certo mudar para a 2.ª Divisão no fim do campeonato.

## RUGBY

### EM INGLATERRA

A Universidade de Cambridge, jogando excepcionalmente bem o primeiro meio-tempo do desafio, ganhou a um «quinze» composto de internacionais seleccionados por 18 pontos a 15.

No intervalo os «azuis» tinham marcado já quinze pontos, mas, na segunda parte, tanto o peso dos adversários como a rapidez do jogo—aliados a meia dúzia de ataques por surpresa...—puseram em cheque os jogadores universitários.

—O campeonato dos condados prossegue com o habitual interesse. Um misto dos condados orientais ganhou ao Hampshire por 9 a 3, fazendo neste desafio um trabalho digno de registro o jogador P. W. Sykes da equipa vitoriosa.

# O futebol francês nas suas relações com O FUTEBOL PORTUGUÊS



José Manuel Soares, o saudoso Pepe, sempre recordado como modelo de jogador português no que ele tem de enérgico, voluntarioso e espírito de sacrifício. Quando Portugal bateu a França por 4 a 0, Pepe fez uma exibição que encheu o estádio!

## — VÊM aí os franceses!

E este grito que já foi expressão de dor, é agora uma afirmação de alegria, de júbilo. Portugueses e franceses, esquecidos «velhos casos», estimam-se e compreendem-se — como bons latinos...

## — Vêm aí os franceses!

Vêm, realmente, mas para jogar o futebol, numa cruzada de paz, de boa e sincera amizade.

O Estádio Nacional vai albergá-los durante os noventa minutos que dura uma partida. Os franceses vão mostrar-nos como se recupera o tempo perdido, como um país retalhado pelo mais sangrento conflito da história do Mundo procura reviver, voltar à vida intensa, dinâmica e alegre que era a sua...

## — Vêm aí os franceses!

Já cá estiveram, há meses, rodeados de simpatia, de profundo afecto, de verdadeira e bellissima estima. Surpreendeu-nos, então, o seu a-vontade, o seu desembarsaço, o seu valor desportivo. Aquelle «team» que evoluciona no relvado do nosso Estádio Nacional era bem o símbolo do espírito que impelle e anima os franceses — numa busca firme de revalorização, de regresso ao passado no que ele tem de bello e grandioso...

Vem agora aí a selecção de Paris. Dela fazem parte grandes jogadores, nomes famosos, que já o eram antes da guerra: Ben Barek, Vaast, Domingo, Luciano, Grillon, Pronst, Seolary, Lozia... E pode ser que venha, também, o jovem Crosland — um «keeper» que começa a ganhar «esportes»...

O futebol parisiense será um bom pedaço do futebol francês. E a exibição da equipa pode dizer nos como se encontra esse futebol — o que tem oportunidade, pois haverá esta época o 8.º Portugal França...

É inegável o incremento que o futebol tomou em França. Como vai longo o tempo do Havre, formado em 1872, por influência dos ingleses!

De 1922/933 em diante, com a implantação do profissionalismo, o futebol desenvolveu extraordinariamente. Actualmente há 46 clubes profissionais, com um total de 830 jogadores. E a F. F. F. reconhece 6.111 clubes de todas as matizes e regiões e 308 mil jogadores!...

As receitas acompanham o ritmo do progresso geral do jogo.

E o volume das transferências traduz também o interesse pelo futebol. Dar um milhão por um jogador — é coisa vulgar. E receitas de mais de um milhão igualmente são frequentes.

No campo internacional o futebol francês ocupa posição de grande relevo. Para isso muito trabalharam os seus dirigentes — já que o valor desse futebol não tinha há anos excepcional cotação...

Chamavam estrangeiros — austriacos principalmente — e fizeram deles... franceses. Foi assim, por exemplo, com Hiden e Jordan, para só citar os dois jogadores que mais alto chegaram...

O resto veio depois — por contágio. E a França pôde ter em Aston o melhor extremo direito da Europa e em Delfour um seleccionado para o jogo da Fifa: Europa Central-Europa Ocidental.

Há no futebol português muitas recordações francesas. Antes deste Lisboa-Paris houve já um outro, há 15 anos. E, antes, tinha havido vários desafios Portugal-França.

Datam, porém, de 1911 as relações franco-lusas em futebol. Iniciaram-se com a visita do Stade Bordelais, que jogou em Lisboa três encontros... em dias seguidos!

No ano imediato tivemos cá o grupo do «La vie au Grand Air du Medoc». Outras visitas se verificaram: a do Racing, a do Red Star, com o famoso Pierre Charigüés nas rédeas, a do Sète...

Sete vezes já Portugal defrontou a França. Cada país conta três triunfos e um empate. Mas, caso digno de realce, em número de golos os portugueses estão à frente: 15-11!

O saudoso «Pepe» figura à cabeça da «nossa» lista — com 4 bolas. Depois: Peyroteo, com 3; José Manuel Martins, com 2; Augusto Silva, João dos Santos, Armando Martins e Araújo com um só cada.

Toulouse viu o 1.º Portugal-França — e a primeira vitória dos franceses: 4-2. Jornada de decepção, pois se criara a «lenda» de que o futebol francês era de pouca valia... Já lá vão mais de 20 anos. O desafio realizou-se em 18 de Abril de 1926.

A desforra de Portugal foi brilhante: 4-0, no Estádio do Lumiar, debaixo de chuva torrencial. O que os dois José Manuéis — o Soares e o Martins — fizeram do gigantesco defensor Walliet chegou a fazer impressão...

Em Paris, na bela e tentadora «Cidade Luz», houve empate (1-1) um ano depois, no ano de 1928 — o mais glorioso na história do futebol lusitano, o ano dos jogos de Amsterdão!

De novo na capital francesa o «onze» tricolor venceu-nos em 1929, por 2-0. Mas veio ao Porto e no Lima, em 23 de Fevereiro de 1930, o triunfo coube aos lusitanos.

Depois, em alternativas de vitórias — Portugal ganhando cá e a França lá — disputaram-se mais dois desafios. Um já em plena guerra, no dia 28 de Janeiro de 1940, no Estádio de Colombes: França, 3-2. E o outro, o último, seis anos depois, afastado o



No Estádio Nacional, na época passada. Da Rui, guardaredes da França, teve de lutar vigorosamente contra o impeto de Peyroteo e dos outros avançados, como se vê nesta curiosa fotografia



No último Portugal-França, que vencemos por 2-1, em 14 de Abril do ano passado, a fúria do jogador português revelou-se em frente das redes francesas. Os gaulêses viram-se em apuros

terível pesadela da «ocupação», no Estádio Nacional: Portugal, 2-1.

Os melhores jogadores dos dois países têm intervido nestes jogos: Roquette, Pinho, Jorge Vieira, Carlos Alves, Raúl Figueiredo, Augusto Silva, Cesar de Matos, Waldemar, Pepe, João dos Santos, José Manuel Martins, Vitor Silva, Acácio Mesquita, Martinho de Oliveira, Abrantes Mendes, Azevedo, Simões, Gaspar Pinto, Amaro, Carlos Pereira, Francisco Ferreira, Mourão, Alberto Gomes, Peyroteo, Cardoso, Feliciano, Araújo, Quaresma, Rogério... dos nossos. Dos «deles»: Domesgue, Dewaquez, Crut, Walliet, Bonnardel, Thepot, Nicolas, Longillier, Veinante, Lucien Laurent, Hiden, Jordan, Diaque, Courtols, Hitte, Heisserer, Da Rui, Arissard, Aston, Ben Barek, Bihel, Vaast...

A amizade luso-francesa fortaleceu-se através do desporto. Como já se evidenciara nas artes e nas letras — em todos os sectores, enfim, da actividade das duas nações latinas.

— Vêm aí os franceses!  
Sejam bem-vindos!

MANUEL MOTA

# O F.C. do PORTO AFIRMOU-SE UMA FORÇA PODEROSA nas SALESÍAS

O team do Porto está a afirmar-se neste Campeonato Nacional! Depois de um triunfo contra o Benfica, no estádio do Lima, conseguiu derrotar o Belenenses, outro Grande de Lisboa, nas Salesías.

Estas vitórias não são um produto de sorte, mas representam um futebol de harmonia e de magnífica colocação. O onze está revestido de moral, devendo confiar no futuro. A sua defesa é segura, a linha média jovem e esperançada, e o ataque, vivo e animado, brilhando uma vedeta.

O Belenenses atravessa uma crise, com a desorganização da sua defesa, e com deficiências no ataque, sem condutores de jôgo e falta de remate.

Estamos ainda na 2.<sup>a</sup> jornada, e há muito caminho a percorrer. Mas o Porto apresenta-se como uma esperança do jôgo!



*Barrigana não esteve inactivo! Aqui o vemos numa defesa por alto, saltando mais que os restantes jogadores — tanto os companheiros como os inimigos!*



*Barrigana, no ar, em vôo, todo torcido, defende milagrosamente. Andrade ta no encaicho da bola, e José Pedro parece dizer: Que grande defesa*



*Capela, bem rodeado, ergue os braços. A bolá pertencê-lhe; e o perigo passou!*



*O avançado Correia Dias não aplicou remate... O guardaredes saltu a tempo!*

# Comentários

## O decreto ambicionado

**E**M 23 de Novembro passado, data que ficará assinalada nos anais do Desporto português, publicou finalmente o «Diário do Governo», pelo Ministério da Educação Nacional, o decreto que concede à Direcção Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar os rendimentos necessários para a criação do Fundo Especial de Auxílio a Organismos Desportivos.

Segundo os próprios termos deste importantíssimo diploma oficial, o Fundo destina-se a «promover a expansão de modalidades desportivas de pequenas disponibilidades financeiras e a auxiliar a representação portuguesa em congressos e competições internacionais».

Transforma-se assim em realidade a legítima aspiração de todos os organismos da hierarquia da grande maioria das modalidades desportivas, que viam os seus desejos de progresso e alargamento do campo de actividade reduzidos à impotência por falta de recursos materiais e queriam, portanto e logicamente, ver o organismo superior que os rege dotado dos fundos necessários ao desempenho de uma missão que não era apenas de fiscalização e disciplina, mas também de auxílio e orientação.

Devem os desportistas e os seus dirigentes estar gratos, nesta hora de regozijo, ao ilustre Ministro da Educação Nacional, dr. Caetano de Matos, pela publicação do novo decreto, e ao coronel Sacramento Monteiro, activo Director Geral dos Desportos, que certamente prestou colaboração e contributo para o estudo e elaboração do referido diploma.

Não sabemos avaliar de antemão a quanto poderá montar o rendimento anual para o Fundo de Auxílio, mas não será exagero computá-lo nalgumas centenas de contos, que vão permitir a muitas modalidades — tanto pela acção mais ampla dos seus organismos dirigentes, como pelo aperfeiçoamento e aumento das instalações das colectividades praticantes — enveredar pelo caminho do progresso e melhorar o programa anual da respectiva actividade.

É incontestável que se deu um grande passo, o passo decisivo talvez, para que o apoio do Estado ao desporto passe do campo empirico ao campo da realidade pratica.

## Amigo?... petulante

**A** leitura dos jornais reserva-nos às vezes as maiores surpresas; neste género, o diário madrilenho Marca é pródigo em referências inesperadas, interessando as relações desportivas com o nosso país.

Trata-se, umas vezes, de notícias da mais alta fantasia; outras, de entrevistas em que o jornalista coloca na boca do declarante frases desagradáveis e que — pior — não correspondem à verdade. Por estranha coincidência o autor destes escritos antipáticos é, em regra, um tal sr. Carlos Piernavieja, conhecido pelas suas excentricidades e altitudes piorecas em campo e a quem já uma vez houve necessidade de chamar oficialmente à ordem pela insolência das suas referências ao desporto em Portugal, onde fora generosa e, pelo visto, imerecidamente recebido.

Pois desta vez, o dirigente entrevistado e petulante, que até à data não desmentiu no jornal as declarações que lhe atribui o sr. Parnavelha, pelo que somos levados a considerá-las verídicas, é nada menos do que o secretário da Federação Espanhola de Atletismo, sr. Manuel Segurado, pessoa que goza de grandes simpatias no meio português, onde era considerado um leal apologeta das relações peninsulares.

A frase que nos atinge como uma pedrada atirada de longe e pelas costas é a seguinte, que nem traduzimos para lhe não irair o sentido; referindo-se aos projectos da sua Federação para a próxima época, Segurado diz que «aunque tambien entra en nuestros cálculos el contender de nuevo contra los portugueses no sabemos si estos aceptarán. Por lo visto les dolió mucho la derrota de Montjuich!».

Isto é uma afirmação gratuita e falsa, que procura atingir, não sabemos com que fins, o desportismo dos Portugueses, que dele têm, no entanto, dado muito maior número de provas, no intercâmbio desportivo ibérico, do que as suficientes para reduzir a cisco a infeliz insinuação do sr. Segurado: este, aliás, falta conscientemente à verdade, pois sabe melhor do que ninguém que os dirigentes lusitanos declararam em Barcelona a sua firme disposição de receber para o ano a equipa espanhola; visita, aliás, gratíssima a todos os dirigentes e praticantes do atletismo, sobretudo, agora, se o sr. Segurado se deixar ficar seguro lá por terras de Espanha.

# EM COIMBRA

## Campeonato de Juniores

Vai começar o campeonato de juniores. A Académica inscreveu duas equipas. Os outros — uma equipa.

À todo sete, na série de Coimbra. Quatro, na Figueira da Foz. Não concorre o Sporting Figueirense. O Sporting não sabe o mal que fez a si mesmo... Reapareceu o Fontela.

O Anadia e o Marialvas formam outra série.

O Marialvas está disposto, na realidade, a colaborar decisivamente na valorização do futebol coimbricense.

Um clube que se interessa pelos juniores merece simpatia especial.

Pena é que a mecânica da prova tenha, forçosamente, de ser esta. As viagens, os jogos em campos estranhos constituem, para o jogador, uma revelação.

Dizem-nos o melhor possível da equipa A dos estudantes.

Se considerarmos bem as coisas, surpreende o facto de algumas vezes a Académica nem sempre dispor de boas equipas de juniores. Não de uma só. Mas de duas ou três.

Em Coimbra, os alunos dos liceus e dos colégios têm uma aspiração — jogar pela Académica.

Desta maneira, o clube escolar não tem dificuldades em recrutar jogadores.

Os outros — sim. Cavam todos na mesma vinha...

Achamos bem que os estudantes queiram jogar na Académica. Só não achamos bem — quando o clube não os aproveita.

O Sport foi campeão nas duas últimas épocas e apresenta sempre bons grupos de juniores. Cria, portanto, responsabilidades.

O Unifó também nestas últimas épocas se empenhou firmemente na valorização dos seus juniores e parece possuir agora um grupo com excelente capacidade.

O Lusitânia há tidos menos evidência, mas não deixa, por isso, de continuar a trabalhar. O Lusitânia e o Sport valem, presentemente, pelo que têm feito — em juniores.

O Nacional realiza igualmente obra apreciável e deve mesmo dizer-se que é nos juniores que está o melhor e o mais regular do seu labor em futebol.

O próprio Calhabé, que não disputou o campeonato da II Divisão, não se escusou, porém, a aparecer na prova.

A primeira jornada não fornecerá, talvez, indicações muito seguras. Os jogos mais importantes — o campeonato tem já os seus jogos importantes — começam no segundo dia.

É certo que a ideia da importância dos encontros não pode, em juniores, ser sobrelevada por esta outra fundamental: a de jogar bem.

Insista-se nesta ideia, permanentemente, junto dos jogadores. E junto do público.

## Um bom jogo de basquete

A noite estava muito desagradável. Frio e vento. (A quadra não é muito própria para se jogar basquete, à noite...) Pois o público não deu pelo desagrado da noite — preso, galvanizado pela emoção do jogo.

Jogaram bem nessa noite, realmente, o Olivais e o Sport. Deve ter sido mesmo o melhor jogo entre os dois grandes rivais do basquete coimbricense.

Costa Ramos foi o jogador que tornou possível a vitória da sua equipa. (Uma vontade de ferro servida por um admirável sentido de jogo.)

Do outro lado, César Cardoso, que deve ser dos mais finos e sazes basquetistas portugueses. Os grupos jogaram o que Costa Ramos e César Cardoso puderam jogar.

O Olivais venceu por uma cesta. Pouca coisa, afinal. Mas o Sport (que podia ter ganho se a sua defesa não se tivesse mostrado tão cautelosa na protecção do «cesto») não merecia perder por mais. (Como o Olivais teria ganho logo de entrada se acaso houvesse transformado alguns dos lançamentos que mereceram melhor sorte...)

Os «teams» nivelaram-se no jogo e no ardor com que se bateram. Se no basquete coimbricense existissem mais duas outras equipas como estas — haveria em Coimbra outra modalidade com muito público. O público de Coimbra gosta imenso de basquete.

E não se compreende, afinal, porque não as há.

A Académica podia ter uma grande equip. O Unifó — idem. E o Vitória. O Nacional. Ou o Lusitânia.

O basquete não tem, evidentemente, as exigências do futebol. Nem sombra dessas exigências...

Por isso não se entende que em Coimbra não haja mais equipas melhores.

## O Estádio

A notícia é conhecida. Foi ampliado o projecto do Estádio Municipal. Tudo quanto devia ser provisoriamente construído, passa a ser definitivo. Determinou-o o sr. Subsecretário das Obras Públicas.

O tempo tem impedido um maior incremento das obras, mas o que está feito leva a crer que em Janeiro já lá possam realizar-se jogos de futebol.

O essencial era que Coimbra possuisse um Estádio. Vai tê-lo. Sem ele, como proporcionar ao público grandes espectáculos desportivos?

Os clubes, os dirigentes e os dirigentes de vários organismos que orientam o desporto coimbricense precisam desde já de começar a pensar na organização dessas realizações. O Estádio insulará vida nova a todas as modalidades.

Adriano Peixoto

Stadium



# A ESCULTURA e a festa de TOUROS

A festa de touros tem inspirado obras escultóricas tão notáveis como as de Mariano Benlliure, o autor de «La Estocada de la tarde», de «El Encierro» e daquele túmulo de Gallito em que soube fugir de todos os símbolos para dar a última manifestação do culto pelo ídolo. Devia estar no Parque de Maria Luiza, e não no afastado cemitério de S. Fernando, aquele grupo de homens do povo, um «ganadero» e gente do campo e da cidade, e de mulheres andaluzas, ciganas e uma que se destaca à frente com a imagem da Virgem da Esperança, a da Macarena de José Gomez Ortega que era visinho e maior-domo. No ano da sua morte, levando no manto o ouro que fôra «traje de luces» do toureiro, a Macarena es-

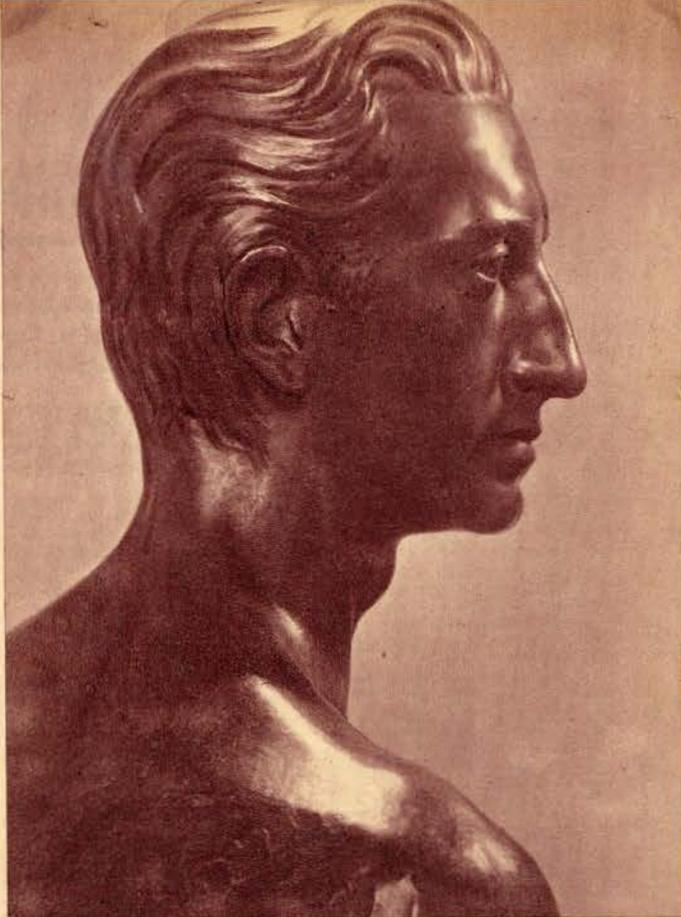
treou também lágrimas de prata — diz a «saeta».

Outros dois escultores se prenderam da tradição estética de um toureiro, Rafael Molina «Lagartijo» e ambas as esculturas, ou uma delas, devia figurar à entrada da Praça de Touros de Cordova. Mateo Inurria esculpiu um «Lagartijo» que rompeu ante a indiferença da família do toureiro. Depois reeditou a obra, e a cabeça de «Lagartijo» figura em pedra branca na figura de bronze de Gonçalo de Cordova, o «Grande Capitão», na Avenida Central da cidade. Júlio António também esculpiu um «Lagartijo», de pé, artista, arrogante, e também esta evocação do grande toureiro espera que a coloquem em lugar visível que, repetimos, poderia

ser a Praça de Touros de Cordova.

Há tempos fomos, em Lisboa, à Sociedade Nacional de Belas Artes, onde o pintor espanhol Lázaro Lozano expunha alguns dos seus belos quadros e, entre eles, vimos um busto de «Manolete».

Impressionou-nos a semelhança e a força, do toureiro e do escultor, ambos admiravelmente retratados na obra que hoje reproduzimos. Ficámos enamorado



Juan de Aválos soube dar ao busto de «Manolete» toda a força expressiva do toureiro cordovês, a sua cabeça orgulhosa e altiva, a sua fisionomia enérgica, o seu olhar duro, o rictus frio da sua boca, o pescoço bem lançado sobre os ombros. Um toureiro forte encontrou um forte escultor. A obra dá não só a marcada personalidade do toureiro como até a sua maneira de ser no toureiro, refletindo um temperamento, uma cidade, Cordova, e uma época, a nossa.

quele busto pelo qual daríamos tudo o que o escultor nos pedisse, se fôssemos Manuel Rodriguez «Manolete», ou se tivéssemos o seu dinheiro.

Tempos depois fomos convidados por Diamantino Vizeu, para irmos vê-lo fora de Lisboa. No automovel encontrámos o autor do busto de «Manolete», o escultor Juan de Aválos, valor dos melhores da Espanha artística contemporânea. E soubemos que Aválos estava trabalhando num busto de toureiro português, ao que parece a convite do Grupo «Festa Brava».

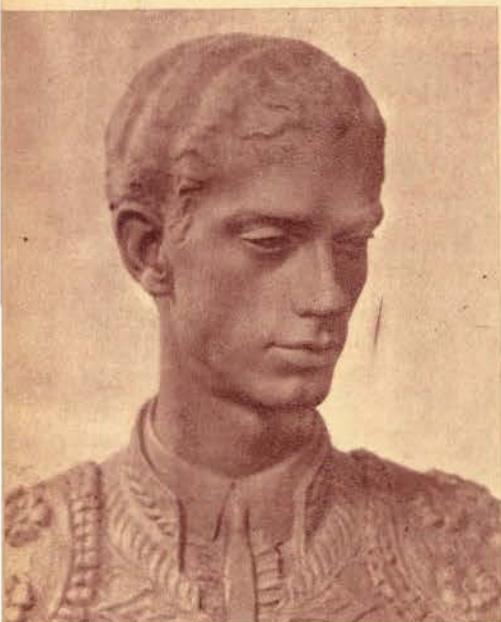
Fômos ao estudio que o escultor espanhol tem em Lisboa, para as suas ausências de Madrid, e admirámos, entre outras obras

suas, esta do busto de Diamantino Vizeu que hoje publicamos e que reproduz o fisionomia ainda jovem, mas também forte, do nosso toureiro.

Esperamos que ao busto de Diamantino Vizeu, à obra de Juan de Aválos, não esteja destinada a mesma sorte que às de Mateo Inurria e de Júlio Antonio.

Senão na Praça do Campo Pequeno, campo de lapidas tristes, estamos certos que o busto de Diamantino Vizeu figurará em lugar visível, seja o da futura séde do Grupo tauromaquico que a encomendou ou noutra já existente, desde que a paz volte a reinar na família tauromaquica portuguesa...

EL TERRIBLE PEREZ

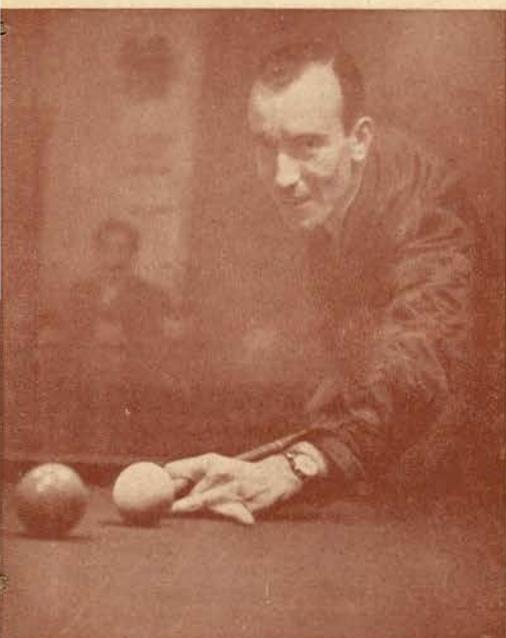


O busto de Diamantino Vizeu, ainda em barro, sem a força do bronze, e de Manolete, tem autêntica, real semelhança. Não se parecerá com as fotografias do toureiro português, mas parece-se com ele próprio, com o modelo que o escultor soube reproduzir tal que ele é. Olhando Diamantino reconhece-se que Juan de Aválos o soube ver e modelar

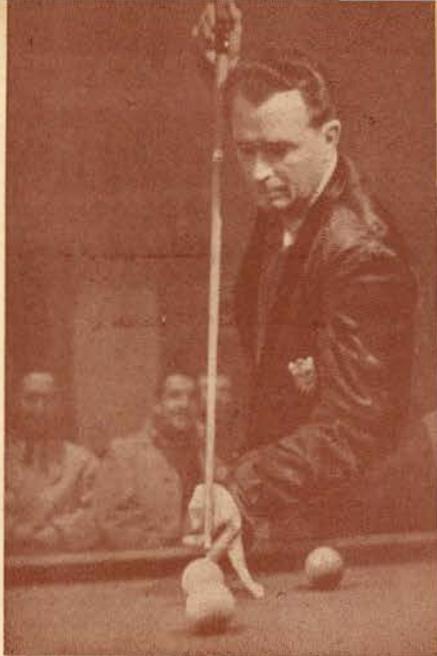
# O campeão Alfredo Ferraz

mestre de bilharistas

fala-nos do bilhar português e dos campeões estrangeiros



DR. JOAQUIM GAGO, bilharista novo mes de brilhantes qualidades, especialista das 3 tabelas



ALFREDO FERRAZ, campeão mundial de bilhar e o jogador mais categorizado que o nosso país tem dado. Goza no estrangeiro de grande reputação

HÁ mais de quatro meses que não via um bilhar — disse-nos o nosso campeão mundial de bilhar, Alfredo Ferraz, minutos antes de iniciar a sua partida com Constantino Amorim no decorrer do II Lisboa-Coimbra.

De facto, Ferraz — mestre de bilharistas e considerado entre os dez melhores do mundo — tem tido ultimamente outra preocupação — se bem que ligada ao bilhar: a renovação total por que passaram os bilhares do Rossio, onde ele, juntamente com Álvaro Cardoso, outro bilharista de excepcional classe, desenvolvem a sua actividade.

Os melhoramentos introduzidos nas salas levam-nos a dizer que em Lisboa fica, agora, o melhor salão português. Foi lá que trocámos algumas palavras com Alfredo Ferraz. O a-propósito foi o Lisboa-Coimbra. Ninguém melhor do que Ferraz para apreciar o movimento actual do bilhar nacional — que alguns ainda leimam em não considerar um desporto. E que, no entanto, obriga a um intenso esforço físico. Trata-se de um jogo onde o físico e o cérebro desenvolvem acção intensa, esgotante, quando se trata de partida de competição ou de campeonato — diz-nos Ferraz, bilharista de excepcional habilidade, que tem causado a admiração dos melhores profissionais estrangeiros.

— Os portugueses progredem no bilhar?

— O campeão do mundo dá a sua autorizada opinião:

— A resposta é afirmativa, de uma maneira geral. No entanto, os novos bilharistas têm a vantagem de poderem ver e observar os antigos que na modalidade conquistaram posição de relevo. E' sempre bom colher ensinamentos.

«No meu tempo era limitado o número de bilharistas que possuíssem uma técnica especialista onde pudéssemos aprender. Álvaro Cardoso e Gorrão eram então os melhores. Que qualidade! Mas, é inegável, hoje há maior número de bons jogadores.

— Nesse grupo de novos, quais os que destaca?

— E' bastante numeroso. Claro que há os que não desejem tomar parte em torneios ou campeonatos — os que jogam bilhar por prazer ou distracção — mas, à parte esses, temos hoje por onde escolher. Necessário é que não se esqueçam de observar os mais conhecedores, já que essa facilidade de colher ensinamentos lhes é proporcionada, mas devem lembrar-se também que o bilhar não é fruto apenas de estudo e observação. E' uma questão de habilidade. Aparece-se a jogar muito bem bilhar por intuição. Neste caso, o mestre nem sempre é o grande triunfo. Além de tudo, o bilhar é um jogo de resultados práticos e para se alcançar essa finalidade — é preciso fazer carambolas...

Ferraz omite nomes. Mas, a propósito do II Lisboa-Coimbra, refere-se com admiração a um bilharista colmbricense: Manuel Dias.

— Eis um jogador de boa classe. Impressionou-me agradavelmente em todas as partidas que disputou. Prevejo lhe bom futuro, assim ele continue a dedicar-se ao bilhar com o interesse que demonstrou a sua forma neste Lisboa-Coimbra. Mas deve lutar com a dificuldade de ser um dos melhores de Coimbra, e é natural que lá não encontre pela frente adversários que o obriguem a empregar-se a fundo. Seja como for, vejo em Manuel Dias um bilharista de grande futuro.

Tentamos fazer Ferraz recordar alguns nomes grandes do bilhar, em Portugal e no estrangeiro.

— Nós temos tido alguns elementos de excepcionais qualidades. Recordel-lhe já Cardoso e Gorrão. Recordo ainda o José Amado e outro, figura de grande bilharista, Alebern, que, como eu, era crónico nestas coisas de bilhar.

«No estrangeiro há verdadeiros fenómenos. Joguel com alguns deles partidas que foram verdadeiramente emocionantes.

— Quais os melhores do Mundo?

— Em França há Rogger Conti, um grande fenómeno. E' de uma impressionante resistência física e possui um sistema nervoso a toda a prova — que isto do bilhar requer especialmente estas duas condições. A sua jogada de mais de mil carambolas ao quadrado é fenomenal. A América tem Crotane e Shaffer.

«Outro nome de grandeza no bilhar mundial, o belga Yanliput, com a particularidade de ser canhoto. Ainda outro belgo, o amador Van Bell, muito forte.

(Continua na página seguinte)

MANUEL DIAS, o bilharista colmbrão que impressionou no último encontro com Lisboa, destacando-se como grande figura.

ANÍBAL DE ALMEIDA, de Coimbra, jogador de recursos como demonstrou na sua partida a 3 tabelas





MÁRIO SIMAS, o mais extraordinário nadador português de todos os tempos

DEPOIS da análise circunstanciada a que procedemos a propósito do IV Portugal-Espanha — sem dúvida o acontecimento número um da temporada — depois das declarações do presidente da respectiva Federação, sr. Francisco José da Rosa — lúcida e criteriosa dissertação sobre alguns dos mais importantes problemas da modalidade — tornava-se necessária uma crónica que encerrasse, nestas colunas, a apreciação da época de natação ao ar livre.

Não se nos aligarou, no entanto, fácil a escolha do assunto a versar. A natação lusitana tem vários problemas pendentes há um bom par de anos. E é bem possível que nos encontremos num momento de perspectivas mais lisonjeiras. Discutir problemas pendentes, sendo sempre oportuno, poderia, no entanto, contribuir para que esta página de homenagem à natação portuguesa ficasse com menos leveza. Falar das perspectivas para a próxima época, seria, talvez, excesso de antecipação.

A procura do meio termo, preferimos a homenagem da revista ao esforço realizado pelos clubes e pelos nadadores no sentido de elevar o nível técnico da natação.

O lugar de destaque será, naturalmente,

## O campeão Alfredo Ferraz

(Continuação da página anterior)

Uma pergunta de interesse.

— Teremos possibilidades em vencer o Espanha?

— Não creio, tanto mais que os nossos jogadores de primeiro plano — com Alabern à frente — andam afastados. E o resultado do último encontro com os bilharistas espanhóis não nos deve entusiasmar, pois que na equipa de Espanha não vieram os melhores. E eles podem compor actualmente uma equipa de grande classe. Domingo, jogador extraordinário, de bellissimo temperamento e dispozo de condições excepcionais para o bilhar. Cabre, De Oro, e outros mais compõem uma equipa homogénea. No último encontro só nos mandaram Domingo. Os restantes eram fracos. Mas o Espanha tem elementos muito bons por onde seleccionar os seus representantes para o próximo Portugal-Espanha. No entanto...

Alfredo Ferraz terminou os seus opiniões acerca de bilhar. Evitou falar a seu respeito, alegando até que sente aproximar-se o momento de ceder o seu lugar, embora o bilhar lhe interesse sempre muito, por todos os motivos. O bilhar e o caça!

F. S.

# Uma página de honra da natação portuguesa

## E os melhores elementos da época finda

para os concorrentes individuais e colectivos que mais se distinguiram no ano transacto — e para os melhores resultados técnicos que eles obtiveram. O confronto entre os «tempos» de há meses e os dos primeiros campeonatos e recordes nacionais, completará a homenagem quanto ao progresso realizado.

Os números têm, por vezes, um significado pouco brilhante. São, todavia, sugestivos em muitos casos. Neste de agora, servem esplendidamente para apreciar melhor o largo caminho andado.

### Os campeões nacionais

A lista completa dos actuais campeões nacionais é a que segue:

100 e 200 metros-livres e 100 metros-costas, Mário Simas, do Estoril Praia.

400 e 1.500 metros-livres, João Eduardo Pereira Bastos, do Sport Algés e Dalando.

200 metros-bruços, Artur Mendes Silva, do Estoril Praia.

4X200 metros-livres, Equipa do Grupo Desportivo Estoril Praia.

Salto, António Guedes Gonçalves, do Estoril Praia.

### Os recordes nacionais e os seus detentores

Segue, também, a lista completa dos recordistas, nas provas mais vulgares:

100 metros-livres, Mário Simas (G. D. E. P.), 1 m. 00 s. 7/10, 6-10-46, Tenerife.

200 metros-livres, Mário Simas (G. D. E. P.), 2 m. 21 s. 8/10, 7-10-46, Tenerife.

400 metros-livres, Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.), 5 m. 21 s., 17-9-45, Algés.

1.500 metros-livres, Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.), 21 m. 25 s., 9-9-45, Coimbra.

100 metros-costas, Mário Simas (M. P.), 1 m. 9 s., 29-5-42, Algés.

200 metros-bruços, João da Silva Marques (C. F. B.), 2 m. 56 s. 8/10, 22-8-37, Covilhã.

4X200 metros-livres, equipa nacional, consituída por Mário Simas, Belmiro Santos, Jeremias Simão e Guilherme Patrão, 9 m. 55 s. 5/10, 7-10-46, Tenerife.

### O progresso registado em vinte e cinco anos de campeonatos

Os campeonatos nacionais disputam-se desde 1921; mas a regularidade da sua organização e dos seus resultados vem apenas de 1930, ou seja, desde que a conclusão da piscina do Sport Algés e Dalando permitia que se disputassem em melhores condições técnicas. Mesmo assim, há provas que têm falhado um ou outro ano.

Em vinte e cinco anos de campeonatos, o progresso realizado é bastante lisonjeiro. Merece, por isso, a pena comparar os primeiros resultados que se registaram no «palmarés» dos campeonatos com os que se obtiveram no ano findo. A respectiva lista fica assim como segue:

100 metros-livres, 1 m. 26 s. (1921), 1 m. 4 s. 4/10.

200 metros-livres, 3 m. 23 s. 2/5 (1929), 2 m. 54 s. 5/10.

400 metros-livres, 6 m. 54 s. (1921), 5 m. 57 s. 6/10.

1.500 metros-livres, 29 m. 00 s. 1/5 (1921), 23 m. 41 s. 4/10.

4X200 metros-livres, 13 m. 31 s. 3/5 (1924), 11 m. 6 s. 8/10.

100 metros-costas, 1 m. 44 s. 4/5 (1922), 1 m. 22 s. 3/10.

200 metros-bruços, 3 m. 38 s. (1922), 3 m. 9 s. 4/10.

### Dezasseis anos de recordes em constante melhoria

O estabelecimento regular de recordes nacionais vem também das primeiras provas disputadas na piscina do Algés. Um só recorde constitui excepção — o dos 200 metros-bruços, estabelecido em 1924 no tanque da Casa Pia, por Mário da Silva Marques, irmão do actual detentor João da Silva Marques. A marca respectiva ficou, então, em 3 m. 20 s., e só foi ultrapassada quando o novo recordista começou a intensificar a sua especialização no «estilo», depois de 1930.

Dos «máximos» melhorados na época finda, merece relevo especial os dos 100 e 4X200 metros-livres, em que Mário Simas nos surge como o melhor «sprinter» ibérico.

### Alguns recordes particulares

A lechar estas notas, seguem alguns recordes particulares:

#### Recordes da distância:

Homens: de Xabregas ao enfilamento da Boca do Inferno, em 1926, por António Basílio dos Santos Júnior, do Sport Algés e Dalando.

Senhoras: de Xabregas à Torre de S. João da Barra, em 1935, no tempo exacto de 3 horas, por D. Maria Amélia Martins, do Clube Nacional de Natação.

#### Travessias de Lisboa:

Grande Travessia de Lisboa, de Xabregas ao enfilamento de Algés — 2 h. 04 m. 10 s. (1925), por António Soares, do Sporting Clube de Portugal.

Pequena Travessia de Lisboa, do Terreiro do Paço ao enfilamento de Pedrouços — 1 h. 22 m. 58 s. 1/5 (1925), por Henrique José Mário, do Clube Sportivo de Pedrouços.

#### Travessia do Porto:

António Augusto Antunes, do Futebol Clube do Porto.

#### Abreu Torres

JOÃO DA SILVA MARQUES, nadador de grandes recursos, e que ainda hoje se conserva na brecha



# OS "leões", em forma, dominaram o ATLETICO



Albano, Peyroteo e Jesus Correia estão ao ataque. Um ataque verdadeiramente diabólico! Desta vez não houve novidade...

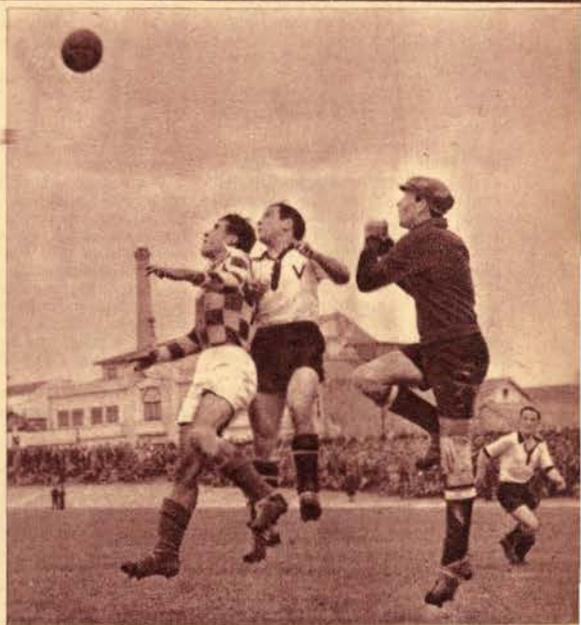


Correia lançou-se, em mergulho. Vê-se Travassos ao ataque. Há a impressão de goal... Talvez!

## O VITÓRIA de Guimarães arranca ao BOAVISTA dois pontos preciosos!



Os avançados de Guimarães a caminho das redes! Logo três homens — pelo sim, pelo não. E entre eles, o nosso conhecido Joaquim Teixeira!



O guardaredes do Vitória também teve de intervir muitas vezes. Cumpriu bem o seu dever!



Uma boa defesa do guarda redes do Boavista, bem tapado pelos backs!



Quando Mota já estava batido — Miguel falha uma bola certa. Estas coisas acontecem muitas vezes

# Stadium

## na Capital do Norte

### Surpresa maior...

**N**ÃO se esperava no Porto a vitória do campeão regional sobre o Benfica, visto saber-se que a sua forma está longe de corresponder à de épocas passadas. Julgamos que até em Lisboa e pelo país houve certa surpresa, e daí o muito que se falou sobre erros de arbitragem, avolumados aqui e além, e de uma desalegância de Correia Dias, que não está nos seus hábitos de jogador educado.

Já foram publicadas respeitáveis críticas sobre o desajuste entre os dois natoros rivais, e por isso não é da nossa competência referir o que é conhecido do grande público. No entanto, para não deixar cair certas coisas no exógero, sempre nos alhevamos a dizer que nem só Correia Dias teve comportamento pouco desculpável. Que surpreendeu mais do que o de alguns — é que foi verdade!

Mas Correia Dias, vendo bem as coisas, também não esteve sozinho. Estamos como distinto crítico lisboeta, técnico dos melhores e de mais respeito do país: «uma atitude não justifica a outra». Certíssimo. Mas, tem graça este apontamento: um dos visados neelas entretinhas, embora apenas uma vez merecedor de reprimenda, na verdade, não se perturbou com o facto de jogar «fora de casa». Esqueçemo-nos propositalmente o nome.

Seja como for, não aplaudimos Correia Dias. Com a mesma autoridade com que o temos louvado pelo seu desportivismo em várias jornadas, em quase todos os jogos da sua carreira. Ainda o arão findo assinalámos, até, a perseguição de alguns árbitros, que o «não deixavam jogar». Correia Dias é pesado, pesadíssimo, já se sabe, e não tem culpa de muitas quedas provocadas por encostos que suporta. A culpa nem sempre lhe pertence, e alguns adversários fazem o mal e a caramunha...

Teve o primeiro deslize, e a maneira como foi criticado deve ter-lhe feito compreender, inteligentemente como é, que não pode falhar em tal capítulo. Mas alguma coisa se ganhará certamente com a censura ao seu acto irreflectido. Há muito jogador «useiro e vezeiro» em atitudes nada correctas, e certamente será mais cuidada no futuro a acção dos árbitros.

A menos que o peso de Correia Dias lhe não possa servir de utilidade, julgamos que o empregará dentro da medida que a lei permite, sem oposição dos árbitros. Que não se alemeorize um e outros...

Merece-nos ainda uns comentários a arbitragem do sr. José

Lira, de Viana do Castelo, mas representante da A. F. de Braga. Não foi de facto um bom árbitro. Irregular, principalmente. Mas dividiu um pouco por cada grupo essa irregularidade. Pensar-se que apenas o Benfica foi prejudicado, não nos parece medida aplicável ao seu trabalho pouco feliz.

Desejariamos, por fim, que não se criassem mais rivalidades, mais atritos, certa confusão nas relações de dois grupos bem populares, já divididos há anos por uma desunido injustificável. Uma atitude inesperada vai ser prontamente reprimida pelo próprio jogador, de mais a mais tratando-se de um elemento habituado a respeitar os adversários, como não se ignora pelo país além. Um momento mau, naturalmente provocado por vulgares incidentes do jogo, não deve pesar tanto no ambiente ou na categoria de dois dos mais populares clubes portugueses.

A ser assim, teríamos de pensar que não poderá tocar-se, nem ao de lens, em certos componentes desta engrenagem forte da bola, e isso não é verdade. Serena e sinceramente, admirando no mesmo plano o Porto e o Benfica, velhos e decididos baluartes do nosso desporto, achamos que valerá a pena pensar uns minutos antes de julgamentos arrojados.



**GOMES DA COSTA** vai reaparecer... — Eis uma notícia que por certo vai contentar os seus admiradores. Gomes da Costa, o popular «Quicas» do F. C. Porto começará a treinar esta semana. É um apaixonado da bola, embora o não pareça. E o seu clube aceita-o sempre com muito entusiasmo. Pertence-lhe...

### Homenagens a propósito

Foi há pouco tempo prestado homenagem ao distinto desportista Gabriel dos Santos Júnior, no decurso de um jantar amigável, a que assistiram muitos dirigentes de outros clubes adversários do Académico. Mas a justiça da homenagem estava no ânimo de todos que conhecem o ilustre acadêmico, há muitos anos sincero pioneiro de uma causa, elemento digno de ser considerado pela sua educação superior, pelo seu trato afável e ainda muito pelo seu labor dentro do popular clube do Lima.

Somos avessos a festas que por tudo e por nada se dedicam, tantas vezes sob pretextos que se não compreendem convenientemente. Mas aquela que os acadêmicos ofereceram a Gabriel dos Santos Júnior está absolutamente dentro de propósitos sãos e honestos, e por isso a julgamos digna de especial referência.

O antigo presidente do Académico Futebol Club tem contribuído muitíssimo para o prestígio da sua colectividade, honrando por consequência o desporto desta cidade. A nossa Revista não o podia esquecer.

O Futebol Clube do Porto conquistou os campeonatos regionais de futebol em categorias de honra e de reserva, como se sabe. A direcção do popular clube, sem um único aviso nos jornais, sem uma única notícia ou convites, reuniu-se com os seus atletas para confraternizar.

Pois a festa foi das mais bonitas e simpáticas, visto que se rodeou de ambiente próprio, tão sincero que até os jogadores fizeram as suas afirmações, bem interessantes e rodeadas de boa fé no seu trabalho durante a época. Um deles, o reservista Boavista, rapaz de cor, vindo de Luanda, a fim de frequentar a Faculdade de Medicina do Porto, conseguiu chamar a atenção dos seus colegas.

Disse: «Eu não compreendo como possa falar vontade num atleta que envergue este gloriosa camisola do F. C. P., que já aplaudia muito quando alinhava na sua fileira da primeira cidade angolana. Confesso-me tão bem dentro do ambiente «portista», que só não faço mais porque não sei ou não posso».

Estas palavras do simpático atleta angolano comoveram. Como as de Adão, um jovem vindo de Valongo e que promete ser alguma coisa de futuro, tão firme é a sua habilidade. Os novos são agora acarinados dentro da primeira organização desportiva da capital do Norte, e com eles se procura encontrar o caminho perdido.

Mas, além do significado da festa que os grandes órgãos da imprensa desconheciam, deve por-se em relevo a maneira séria como se organizou.

## MOSAICOS nortenhos...

TOMOU posse a nova Comissão Administrativa da A. H. do Porto e pouca gente com responsabilidades esteve a assistir. E poucos clubes, também. Ficámos com a impressão, lamentável impressão, deve afirmar-se, que interessava muito mais o regime anárquico em que vivia o andebol nesta cidade.

Mas, seja como for, tem força a Comissão Administrativa para se near e seguir por caminho livre de complicações. Se alguns não entenderem assim, — que poderá importar?

O andebol portuense «perdeu-se» extraordinariamente com as «questões» da época finda. Continua parada a sua expansão, e oxalá os desavindos compreendem definitivamente as suas obrigações e arripem caminho.

✦ VISITOU os terrenos onde o F. C. do Porto construirá o seu Estádio, acompanhado pelos srs. Ivo Araújo e Elói da Silva, directores do popular clube campeão do Norte, o sr. coronel Sacramento Monteiro, Director Geral dos Desportos.

O sr. coronel Sacramento Monteiro ficou bem impressionado com a visita. É oportuno dizer que continuem os trabalhos de expropriação, infelizmente vageiros, visto que alguns proprietários não vivem no Porto. Todavia, está feito tudo quanto encaminhava o momentoso assunto. Agora — aguardemos...

✦ O BOAVISTA principiou bem. Ganhou no Estoril, onde muitos podem perder. Não esqueçamos que na época finda aconteceu o mesmo ao clube do Bessa. Isto que dizemos corresponde apenas a uma lembrança, tendente a evitar os meus resultados do Boavista, por certo bem avisado nesta altura sobre o que lhe sucedeu no último ano...

✦ DEPOIS da acção do F. C. do Porto contra o Benfica, grupo de mais força, e por isso, após um jogo que oferece campo para apreciações, parece-nos que o conjunto campeão precisa de retoques para cumprir nesta prova dura.

Se o leitor quiser lembrar-se e quiser percorrer as colecções desta Revista, encontrará a nossa defesa de Joaquim para o lugar de médio. Pois Joaquim é um excelente jogador, hoje defendido pela voz geral da crítica. Mas como é pouco, muito pouco, para valorização de equipa, talvez seja de novo oportuno recordar que na reserva não será difícil encontrar quem substitua alguns jogadores do primeiro grupo.

✦ VENCEU o F. C. do Porto em Lisboa, no jogo contra o Belenenses, por 2-0, e o facto causou satisfação naqueles que acreditaram no grupo do F. C. do Porto. Já o Boavista, perdendo na sua terra, não pôde cobrir-se do mesmo prestígio frente ao Vitória de Guimarães. Mas uma vez o Boavista remelou mal. E mais uma vez se confia, como até aqui, no valor dos campeões regionais. O costume...

É bom, porém, que não se confie demasiadamente. Não ganhou o Estoril ao Benfica? Nunca se esqueça que os conjuntos considerados fracos levantam às vezes trabalhos do diabo...

## Taça Dr. Pedro Teotónio Pereira

COMEÇOU a disputar-se há dois domingos a prova organizada pela Associação de Lisboa para conquista do importante troféu «Dr. Pedro Teotónio Pereira», oferta do nosso ilustre Embaixador no Brasil.

Grande amigo de todos os desportistas portugueses, como desportista convicto que é, o Dr. Teotónio Pereira tem demonstrado, desde o encontro célebre que foram disputar a Madrid, grande simpatia pelos andebolistas da capital; devem-lhe estes, na mais justa contrapartida, sentido reconhecimento pelas provas de simpatia recebidas e que se completam com a generosa doação da taça agora em competição e que fica sendo, sem dúvida, uma das mais valiosas no arquivo da modalidade.

Nestas circunstâncias poderia presumir-se, ainda que outras razões de ordem puramente desportiva não existissem, que por testemunho de apreço nenhum dos clubes praticantes deixaria de participar na prova.

Inscreveram-se oito grupos, os bastantes para assegurar o êxito do torneio, que, antecedendo directamente o campeonato, é a última probabilidade que se oferece aos clubes para afinamento da sua representação.

A chuva persistente estragou a primeira jornada e obrigou ao adiamento do jogo Oriental-Glória, o que veio embaraçar seriamente o calendário associativo, pois trouxe como consequência a perda de um domingo para resolver um jogo de escasso interesse.

Nos outros três quartos de final, o Belenenses derrotou o União Piedade por 11-0, o Almada bateu o Internacional por 6-1 e o Sporting venceu «Os Treze», no mais categorizado encontro da jornada, por 6-4.

A luta entre os velhos rivais da modalidade foi digna de ver-se, apesar das más condições do terreno e da dificuldade no maneo da bola.

Ambos os grupos se empenharam com entusiasmo para alcançar a vitória, mas sempre com a

maior correcção e evitando os choques e as jogadas pessoais. O número de assistentes, se levarmos em conta as péssimas condições atmosféricas, foi relativamente elevado e todos devem ter dado por bem empregado o sacrifício feito.

Merecem felicitações os vinte e dois jogadores pelo seu procedimento e pela inteligente interpretação da forma de jogar sob chuva teimosa e em solo enlameado; o defesa «resista» Duarte, único a quem se podem registar entradas de excessiva dureza, teve o merecido castigo, porque custou ao seu grupo dois pontos resultantes de livres a punir faltas suas.

O trio central de «Os Treze» desenhou bons ataques combinados e obrigou Almasqué a executar defesas difíceis e a trabalho aturado. O guarda-redes leonino salvou várias vezes as suas redes de perigos iminentes, mas foi culpado do quarto ponto sofrido, por haver querido repelir a bola a soco em vez de a parar com as mãos abertas, deixando que caísse no solo à sua frente. Os nossos guarda-redes de andebol esquecem com frequência que são únicos senhores dentro da sua área, podendo agir sem o receio, que atormenta os seus camaradas do futebol, de deixar fugir a bola ao alcance dos avançados contrários.

Na linha sportinguista distinguiram-se Vicente, autor dos seis pontos, e a parêla defensiva.

A arbitragem do sr. Jesus deixou escapar demasiado número de faltas pessoais voluntárias, porque as considerou consequência exclusiva do estado do campo. Na generalidade agradou.

No único encontro realizado no último domingo, o Oriental bateu por 4-1 o Glória, com relativa facilidade, mas em deplorável estilo: quatro homens, dois de cada lado expulsos do terreno, público a «confraternizar» com os jogadores no recinto de jogo e durante o jogo, não são acidentes já toleráveis nas competições desportivas portuguesas.

Esperemos pela justiça.

José de Eça

## INICIATIVAS DA «STADIUM»

# O VEREDICTO DO NOSSO CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS

### As menções honoríficas

(Continuação)

1.º Menção — «Stádium» (R. Nascimento, Lisboa).

Outro bloqueio que além das despregagens temáticas apresenta várias directas. Dois «self-blocks» em e7 com dual evitado e outro em b6. Lindo «meredith» com boa chave de faga.

2.º Menção — «Colibri» (J. Castro e Melo, Amadora).

Correcção negra, aqui combinada com as duas variantes temáticas, com efeitos de abertura e encerramento de linhas brancas e negras. Uma terceira variante de correcção negra, com «self-block», em c6.

3.º Menção — «Sem Lema VI» (P. ten Cate).

Um engenhoso câmbio de promoção, originado pela faga do Rei. Na posição inicial se 1... Rb7; 2.d8=C, depois da chave 2.Px-C—Dt.

4.º Menção — «Scylla & Caribdes» (A. Canha Serra e J. Castro e Melo, Lisboa).

A chave dá outra faga ao Rei negro, além da que tem já na posição inicial, com sacrifício dama Torre. Uma das variantes temáticas evita dual por abertura de linha negra. Há ainda um «self-block» pela Dama, que resulta mate madado 1... Dc6; 2.Cc4t (no jogo aparente 2.bc7).

5.º Menção — «Mondego» (J. G. Mariz Graça, Coimbra).

Bloqueio com uma variante de correcção negra e boa chave que muda am mate: 1... f5; 2.Dxb5 (no jogo aparente 2.Dc8).

6.º Menção — «Hi-Fi-Pin» (R. Nascimento, Lisboa).

Correcção negra por duas peças. As jogadas de correcção de cada uma estão combinadas com as temáticas e as jogadas gerais com semi-pregagens.

7.º Menção — «Atlântico» (Dr. Monteiro da Silveira, Rio de Janeiro).

Chave de sacrifício concedendo faga, variantes temáticas por intercepção branca uma terceira variante temática produzida por faga de Rei, am «self-block» em f7 e uma despregagem directa.

8.º Menção — «Mies II» (F. W. Nanning, Eindhoven).

Como o anterior, chave de sacrifício dando faga, aqui correcção negra pelo dois cavalos, combinando as jogadas de correcção com as despregagens do Peão.

Recomendados sem ordem de mérito:

«Sem Lema XV», «Secundas», «Iglia», «Jelly», «Segundo», «Faquir», «Minerva», «Amador», «Espana» e «Ensaio».

Todavia heam algamas composições interessantes, porém este veredicto deve ter um limite.

Este veredicto não será definitivo antes de três meses, a partir da data de publicação.

Barcelona, Junho de 1946.

F. Novejarque

## MAIS QUEIXAS, MAIS DESCULPAS

A equipa de basquetebol do clube madrilenho América, a cujas desculpas «de mau pagador» nos referimos já em passado documentário, continuou, depois do regresso à capital espanhola, a corripir sua desdita no maro das lamentações.

Segundo os intérpretes que em Marca expressaram o seu sentimento, o público portuense traduzia mal os seus propósitos e atitudes em campo, pois tiveram como único objectivo diligenciar esclarecer o árbitro sobre determinados pontos das regras que ele estaria interpretando erradamente!

Quanto ao critério dos directores das partidas, vão mais longe, e declaram peremptoriamente:

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

«No Porto não se pode jogar basquetebol. A rudeza de jogo dos representantes locais eminha de parêlas com a parcialidade dos árbitros».

Esta afirmação, estampada no mais divulgada dos diários desportivos de Espanha, é atentatória da dignidade do desporto português e não deveria passar sem reparo por parte do nosso organismo superior.

A Federação de Basquetebol poderia ordenar um inquérito aos acontecimentos, elaborar sobre eles um cuidadoso relatório, que seria enviado depois para a Delegação Nacional espanhola, por intermédio da Comissão Permanente de Intercâmbio Desportivo, e valerá, por virtude dos acordos firmados entre as duas entidades superiores, como única versão oficial dos factos.

Ao que não podemos, nem queremos ficar sajeitos, é a constantes interpretações vexatórias de quantas equipas do país vizinho nos visitem, sejam derrotadas, e não possam desportivismo bastante para enfrentar o desaire com nobreza e resignação.



# PAL

FAZ UMA BARBA DIFERENTE... PORQUE É UM GÉNERO DIFERENTE DE LÁMINA

O GUME É CONCAVO

AGENTE exclusivo em Portugal:

**M. SILVA CARVALHO, LIMITADA**

Rua dos Correeiros, 174, 3.º — Telefone 3 0674

**T**EVEM relêvo a cerimónia da entrega dos prémios aos velejadores da «Mocidade Portuguesa». Presidiu o sr. Presidente da República, ladeado pelos srs. comandante Américo Tomás, ministro da Marinha; e dr. Leite Pinto, sub-secretário da Educação. Entre a assistência via-se o sr. coronel Sacramento Monteiro, Director Geral dos Desportos.

O sr. comandante Soares de Oliveira fez o elogio da actividade náutica da «Mocidade Portuguesa» — a quem se deve, em grande quinhão, o esplendor da modalidade em Portugal.



## A Académica não deixa passar o Famalicão



Micael aproveitou um canto, mas sem resultados práticos...



Os de Famalicão também atacaram. Eis a defesa da Académica em perigo!

## O Benfica inaugura a pista de atletismo



Era cima, o sr. coronel Sacramento Monteiro, ladeado pelos sr. dr. Salazar Carreira, Costa e Sousa, presidente do Benfica, e outras entidades, cortando a fita simbólica da inauguração da pista do Benfica. Em baixo, os atletas pisam a pista pela primeira vez!